

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**WILLIAM CARLOS RODRIGUES GONÇALVES**

**GEOGRAFIA E CRIMINALIDADE: ASSASSINATOS DE POLICIAIS NA REGÃO  
DA GRANDE VITÓRIA DE 2005 A 2018**

**VITÓRIA  
2018**

**WILLIAM CARLOS RODRIGUES GONÇALVES**

**GEOGRAFIA E CRIMINALIDADE: ASSASSINATOS DE POLICIAIS NA REGÃO  
DA GRANDE VITÓRIA DE 2005 A 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientador: Professor Dr. Carlo Eugênio Nogueira

**VITÓRIA  
2018**

**WILLIAM CARLOS RODRIGUES GONÇALVES**

**GEOGRAFIA E CRIMINALIDADE: ASSASSINATOS DE POLICIAIS NA REGÃO DA  
GRANDE VITÓRIA DE 2005 A 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Geografia  
do Centro de Ciências Naturais e Humanas  
da Universidade Federal do Espírito Santo,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Geografia.

Aprovada em 7 de dezembro de 2018.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professor Dr. Carlo Eugênio Nogueira  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

---

Professor Dr. Rafael de Castro Catão  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Co-orientador

---

Professor Ms. Maurício Sogame  
Universidade Federal do Espírito Santo

## DEDICATÓRIA

A família, razão de minha vida.

A Vitória Maria e Carlos Alberto, que me deram a vida.

“O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer.”

Albert Einstein

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Carlo Eugênio por toda tranquilidade e paciência e direcionamento dado ao longo desses meses de trabalho, ao professor Rafael Catão, obrigado por todo apoio dado aos tratamentos dos dados e a professora Gisele que ajudou muito com inúmeros questionamentos durante todo o curso e parabéns ao seu trabalho na coordenação que tem ajudado tantos alunos.

A minha família que sempre apostou e se orgulhou de mim em todos os momentos que passei durante toda a minha vida e que nunca deixaram de me apoiar nos momentos mais difíceis.

A todos que de alguma maneira, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Este trabalho é dedicado a todos vocês.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal buscar entender se há uma correlação entre os bairros onde os policiais foram mortos e a segregação espacial, através de indicadores estatísticos e juntamente com o processo de urbanização nas cidades. Também se encontra neste trabalho uma discussão do espaço urbano, do processo de urbanização das cidades capitalistas e as dinâmicas da segregação espacial que tem vários modos de ser observado. Do mesmo modo há um breve histórico da Região Metropolitana da Grande Vitória, sua formação como foi, os fatores de urbanização que levaram a esse ponto e as consequências desse processo de crescimento rápido dos municípios da RMGV e uma delas é a violência que se manifesta na criminalidade, nesse caso específico são assassinatos, e uma breve discussão do que é criminalidade e violência. A análise dos dados revela que os locais mais distantes dos centros das cidades são as áreas onde os assassinatos ocorreram mais.

**Palavras – chaves:** Violência; criminalidade; segregação; espaço urbano.

## **ABSTRACT**

The main objective of this study is to understand if there is a correlation between the neighborhoods where the police were killed and the spatial segregation, through statistical indicators and together with the process of urbanization in the cities. Also discussed in this paper is a discussion of urban space, the process of urbanization of capitalist cities and the dynamics of spatial segregation that has several ways of being observed. Likewise, there is a brief history of the Metropolitan Region of Greater Victoria, its formation as it was, the factors of urbanization that led to this point and the consequences of this process of rapid growth of the municipalities of the RMGV and one of them is violence that manifests itself in crime, in this specific case they are murders, and a brief discussion of what crime and violence is. Analysis of the data reveals that the more distant locations of the city centers are the areas where murders occurred most.

**Keywords:** Violence; crime; segregation; urban space.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
1.1 OBJETIVOS GERAIS: .....	15
1.2 OBJETIVOS ESPACÍFICOS: .....	15
2. METODOLOGIA.....	16
3. DESENVOLVIMENTO .....	18
3.1 O ESPAÇO URBANO E A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES .....	18
3.2 DINÂMICAS ESPACIAIS DA SEGREGAÇÃO .....	19
3.3 ESPAÇO GEOGRÁFICO E ELEMENTOS DA PAISAGEM .....	22
3.4 O ESPÍRITO SANTO E A RMGV .....	23
3.5 CRIMINALIDADE E VIOLÊNCIA .....	31
3.6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO .....	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	55
5. REFERÊNCIAS .....	56



## 1. INTRODUÇÃO

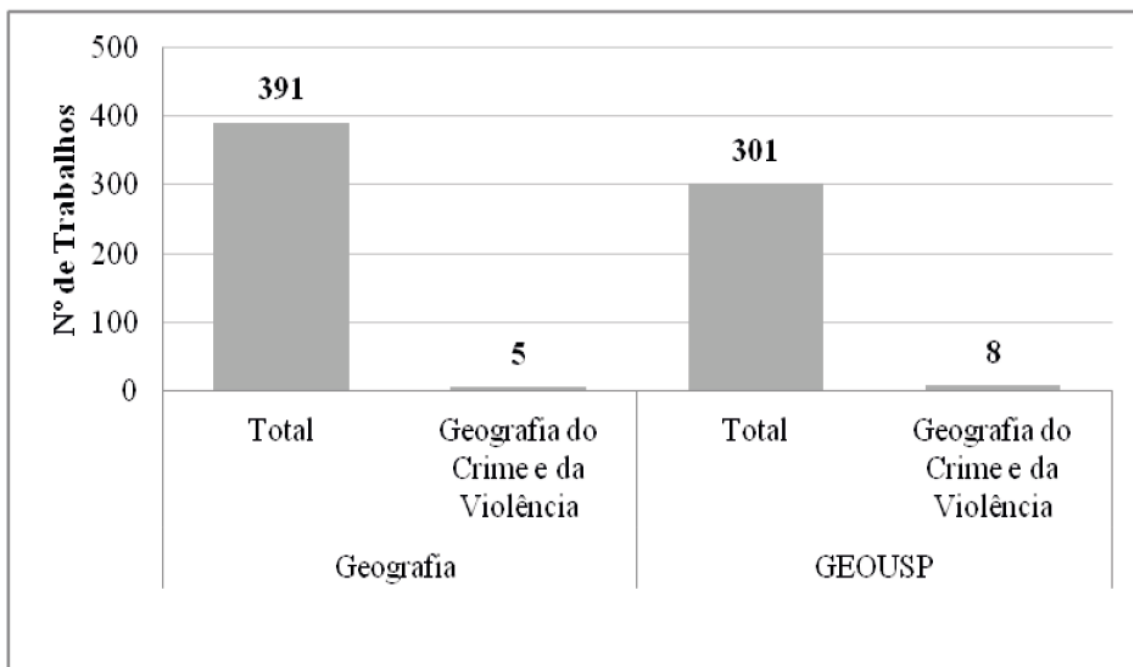
Nesse trabalho pretendemos estabelecer uma relação entre Geografia e criminalidade. Tendo como referência os dados oficiais que tratam dos homicídios de policiais na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), coloca-se o objetivo geral de identificação dos bairros onde ocorreram a maior quantidade de assassinatos de policiais entre 2005 e 2018.

Especificamente, pretendemos identificar os locais dos homicídios, relacionando os lugares de ocorrência dos crimes com os índices de desenvolvimentos dos bairros. Para isso, é necessário compreender, de modo geral, como se deu o processo de urbanização no Espírito Santo no período estudado.

No que diz respeito ao relacionamento entre Geografia e criminalidade, vale dizer que a temática ainda é pouco explorada em trabalhos especializados. Em artigo recente, Mello e Matias (2017) procedem a um balanço da produção acadêmica da Geografia sobre a violência e a criminalidade entre 2007 e 2015. Avaliando as comunicações apresentadas nos encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE), bem como os artigos publicados em dois periódicos de grande circulação, a revista Geografia (Rio Claro - SP) e a revista GEOUSP, os autores observam a pouca visibilidade do tema como um todo, que não conta com um grande número de contribuições.

No geral, haveria um relativo aumento do interesse na temática nos eventos da ANPEGE, mas isso não se traduz em publicações de artigos, que continuam a aparecer de forma episódica nas publicações avaliadas (MELO; MATIAS, 2017).

Gráfico 1. Comparação entre o número total de trabalhos com os de Geografia do Crime e da Violência nos Periódicos Geografia e GEOUSP entre 2007 a 2015.



Fonte: MELO; MATIAS (2017, p.9).

Os dados gerados permitiram verificar que do total de 692 artigos publicados nos periódicos de Geografia e GEOUSP entre 2007 e 2015, um número pequeno de trabalhos são relacionados com a Geografia do Crime e da Violência. O periódico Geografia publicou 90 artigos a mais que o periódico GEOUSP, mas em percentuais a revista Geografia publicou 1,28% de seus trabalhos atrelados a temática do crime e da violência contra 2,65% da GEOUSP. (Melo, 2017). É um número extremamente pequeno num país continental como o Brasil, que apresenta graves problemas de segurança pública, mas que conta com tão poucos trabalhos voltados para a análise dessa questão.

Nesse sentido, ao se debruçar sobre os dados a respeito dos homicídios de policiais na RMGV, esse trabalho busca contribuir com essa temática, visando enriquecer o debate a respeito das potenciais relações existentes entre a violência, a criminalidade e o processo de produção do espaço urbano.

Como hipótese geral no encaminhamento do problema, parte-se da suposição de que existe uma correlação entre os dados da criminalidade, aqui analisada por meio dos números de assassinatos de policiais, e do perfil socioeconômicos das regiões e bairros de cada uma das cidades do Estado. Essas correlações apresentam uma configuração estabelecida do espaço que é função de diversas variáveis. As principais variáveis são o grau de concentração de riquezas e de bem-estar medidos pelo PIB e pela renda per capita, pelo valor PIB do município e pelo grau do IDH. (ZANOTELLI et al., 2006).

A produção da cidade não é homogênea. Cada bairro adquire uma característica, apresentando diferentes aspectos econômicos, sociais e culturais. A geografia busca compreender como esse crescimento desigual das cidades produz uma segregação espacial que pode gerar diversos problemas urbanos. Dentre eles, a criminalidade e a violência, que serão aqui avaliadas a partir de uma discussão a respeito dos homicídios de policiais.

É possível fazer correlações entre as estatísticas de ocorrências dos crimes, a organização do espaço urbano e os índices de desenvolvimento. Por meio dos dados disponíveis para esses indicadores, pode-se também gerar produtos cartográficos que auxiliam a tomada de decisão política em direção a uma melhor organização social do território. (LIRA, 2014, p.5). Os indicadores socioeconômicos, por sua vez, podem nos apontar um caminho para buscar entender a concentração de conflitos que se transformam em ocorrências nas cidades do Estado. (ZANOTELLI et al., 2011).

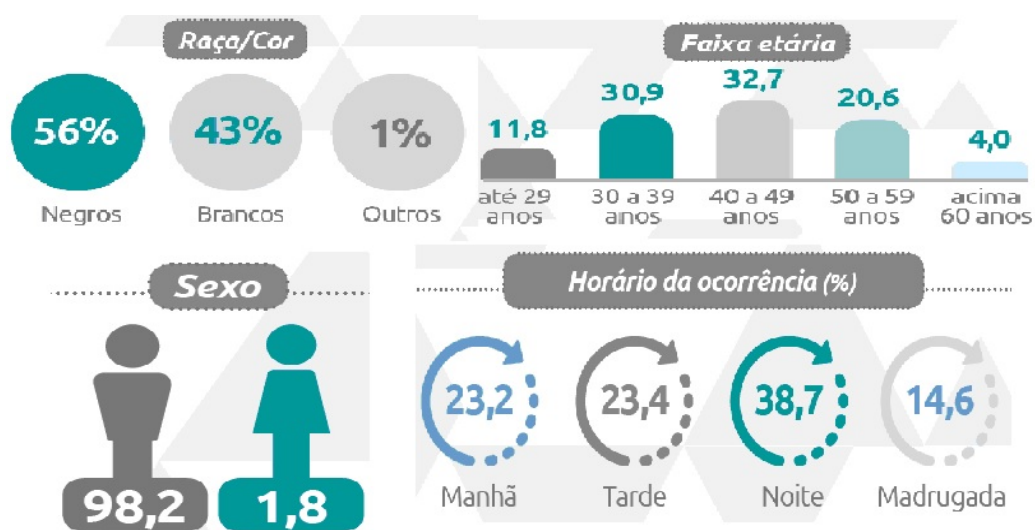
A espacialização dos crimes na Região Metropolitana da Grande Vitória – RMGV manifesta-se de maneira heterogênea por todo espaço urbano. Podemos afirmar que isso é um desdobramento das desigualdades econômicas, sociais e problemas de infraestrutura. (LIRA, 2014, p.1). Dados do Ministério da Saúde apontam que, em 1980, foram registrados, no Brasil e Espírito Santo, respectivamente, uma taxa média de 11,7 e 15,1 homicídios por 100 mil habitantes.

Passados 30 anos, em 2010, as taxas dobraram, no caso brasileiro, para 27,4 homicídios por 100 mil habitantes. Já para o Espírito Santo, os dados sobre os

assassinatos mais que triplicaram, chegando a 51 homicídios por 100 mil habitantes. Em relação aos crimes contra policiais, os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (ABSP), de 2017, mostra que houve um aumento no número de homicídios de policiais civis e militares em 23,1% em relação a quantidade de policias mortos em 2015 (ABSP, 2017, p.7). As vítimas são em sua maioria negros, homens e com uma idade média entre 30 e 49 anos. Pelo exposto, fica evidente a necessidade da priorização da segurança pública no planejamento, nas políticas, nas ações e na mobilização da sociedade, com a finalidade de redução dos índices de violência criminal. (LIRA, 2014. p.2).

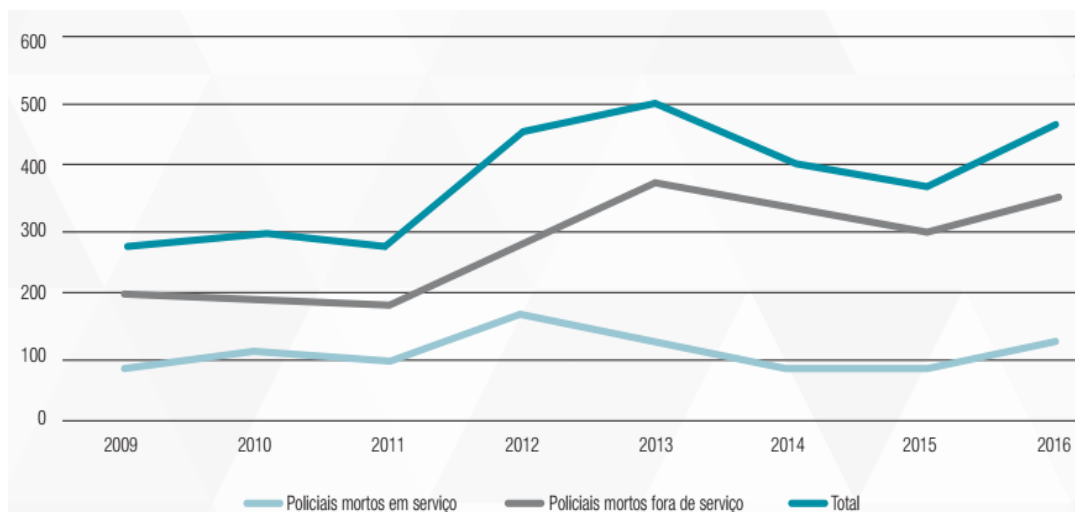
Números do anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2017 mostram um pouco do perfil dessas vítimas policiais.

Figura 2. Quem é esse policial morto?



Fonte: FBSP (2017, p. 7).

Gráfico 2. Policiais civis e militares vítimas de homicídios, em serviço e fora do serviço no Brasil de 2009 a 2016.



Fonte: FBSP (2017 p 24).

Em uma análise preliminar dos dados, conclui-se que entre os policiais há certa divisão entre os policiais expostos a maiores situações de riscos. Entre aqueles que estão em serviço, ganham destaques os policiais que têm maiores contatos com as ocorrências violentas. Já entre os policiais que são assassinados fora do serviço, destacam-se aqueles que, por uma condição de vulnerabilidade social, frequentam lugares com indicadores de baixo desenvolvimento social e altos índices de violência, como os que moram nas periferias ou que comumente exercem atividades operacionais de segurança privada. (FERNANDES, 2015, p.10).

Na verdade, é comum encontrar policiais que não conseguem sustentar a si mesmo e nem sua família, por conta talvez dos baixos salários. Esses são os que com maior frequência trabalham em suas folgas, fazendo serviços conhecidos como “bicos” para obterem uma complementação de renda, pois o salário não é suficiente. Geralmente são os policiais, no caso dos militares, com baixa patente, como soldados, cabos e sargentos, conhecidos como praças.

No ano de 2017 ocorreu uma greve geral da PM no estado do Espírito Santo, com as mulheres e familiares dos PM impedindo a circulação de viaturas na Região

Metropolitana da Grande Vitória – RMGV e no resto do Estado. Buscava-se protestar por melhores condições de trabalho, por novos equipamentos e melhoria na remuneração. Nunca houve no Brasil um caso em que militares, que são proibidos por lei de fazerem greves, fizessem um movimento grevista que durou 27 dias. Esse é um momento marcante para a história da segurança pública no Brasil, que nunca havia registrado tal fato.

Tabela 1. Efetivo fixado e existente das Policiais Militares e Civis do Brasil e Unidades da Federação, 2015-2016.

Brasil e Unidades da Federação	Polícia Militar				Polícia Civil			
	Efetivo fixado em dezembro de cada ano		Efetivo existente em dezembro de cada ano		Efetivo fixado em dezembro de cada ano		Efetivo existente em dezembro de cada ano	
	2015 <sup>(2)</sup>	2016	2015 <sup>(2)</sup>	2016	2015 <sup>(2)</sup>	2016	2015 <sup>(2)</sup>	2016
<b>Brasil</b>	<b>415.014</b>	<b>312.623</b>	...	...	<b>124.419</b>	<b>112.612</b>	...	...
Acre	...	...	...	...	...	...	...	835
Alagoas	12.165	12.165	7.732	7.255	...	...	2.042	2.008
Amapá	...	...	...	...	903	893	...	...
Amazonas	15.000	...	9.256	...	3.871	...	2.209	...
Bahia	...	...	...	...	...	...	5.735	6.091
Ceará	15.249	16.118	16.191	...	...	...	2.734	...
Distrito Federal	18.673	18.673	14.452	13.139	8.969	8.969	4.784	4.876
<b>Espírito Santo</b>	...	...	<b>9231</b>	<b>9746</b>	...	...	...	...
Goiás	...	...	...	...	5.892	5.892	4.230	4.316

Fonte: FBSP (2017 p 66).

### **1.1 OBJETIVOS GERAIS:**

- Compreender a distribuição espacial e a localização dos assassinatos de policiais na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) entre os anos de 2005 e 2018.

### **1.2 OBJETIVOS ESPACÍFICOS:**

- Mapear os dados sobre os homicídios de policiais com uso de geotecnologia;
- Identificar os bairros da RMGV que apresentam uma maior concentração de casos;
- Relacionar o processo de produção do espaço urbano da RMGV com a localização dos crimes.

## 2. METODOLOGIA

Os dados a respeito dos homicídios de policiais na RMGV foram obtidos a partir de um pedido a respeito da existência ou não de estatísticas dos números de assassinatos de policiais militares e civis do estado do Espírito Santo. O CIODES (Centro Integrado Operacional de Defesa Social), que é um órgão de atendimento emergencial que integra, em uma única estrutura física e digital, o trabalho diuturno da Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros Militar, Guarda Civil Municipal de Vitória, Secretaria de Justiça e Polícia Rodoviária Federal forneceu as bases de dados disponíveis em seus registros, que cobrem o intervalo temporal de 2005 a 2018.

A integração dos órgãos envolvidos na Segurança Pública, a otimização de recursos e a implantação de projetos, tornam o trabalho mais ágil e eficiente no atendimento ao cidadão que clama pelo socorro do Estado, produzindo, assim, uma série estatística integrada.

Os dados contêm as seguintes informações: os tipos de crime, nos casos apresentam geralmente homicídios e latrocínios, os meios utilizados para o assassinato( arma de fogo, arma branca e asfixia), como arma de fogo ou arma branca, a etnia da vítima, sua idade, local do ocorrido e se o policial que veio a óbito estava de folga ou em serviço. Essas são as principais informações que serão aqui analisadas.

A linha de raciocínio desenvolvida se guiará por uma interpretação geral a respeito do processo de urbanização e produção do espaço urbano na RMGV. Como hipótese, tentaremos verificar se a paisagem urbana reflete as desigualdades sociais, destacando a questão da segregação socioespacial de alguns grupos sociais mais vulneráveis e a violência como uma manifestação dessa segregação.

O objetivo dessa interpretação sobre o processo de produção do espaço urbano, que será como um pano de fundo da análise dos dados é a tentativa de mostrar a existência de uma relação entre a criminalidade (assassinatos), os índices de desenvolvimento de cada localidade e a organização do espaço urbano. Ao final,



pensa-se que esse inter-relacionamento pode ser mais bem identificado com o uso da cartografia digital, de tabelas e dos gráficos gerados a partir do cruzamento dessas informações com os dados recebidos do CIODES.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1 O ESPAÇO URBANO E A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES**

O espaço urbano de uma cidade capitalista compõe-se, antes de tudo, por um conjunto de diferentes usos da terra sobrepostos entre si. São as diferentes formas de apropriação social e os usos que definirão certas áreas na cidade como centros comerciais, áreas residenciais e industriais, zonas de gerenciamento da cidade e o centro da cidade. Esses inúmeros usos da cidade, em sua complexidade, mostram como o espaço urbano é fragmentado. A fragmentação desse espaço é articulada através dos fluxos de pessoas, mercadorias e veículos. (CORRÊA, 1994, p. 6).

A cidade representa o ato concreto do produto do processo do trabalho, sua ramificação técnica, mas também da estratificação social. É a materialização histórica das relações dos homens, é a forma de pensar, sentir, consumir: é o modo de vida em sua expressão urbana (CARLOS, 1992). O espaço urbano é o lugar que une os interesses das ações do Estado, do capital e a luta dos habitantes, como forma de resistência em oposição a segregação do espaço na cidade. (CARLOS, 1992, p.26).

A evolução das forças produtivas produz mudanças o tempo todo e com elas vem à alteração dos espaços urbanos. As modificações são cada vez mais velozes e profundas, isso gera novas configurações dos espaços urbanos, assim, surgem novos ritmos de vida, novas relações entre as pessoas e novos valores. (CARLOS, 1992, p.26).

A cidade também é uma forma de apropriação do espaço urbano, tudo o que ela é representada no presente é resultante de todo o trabalho materializado numa determinada forma do processo de produção.

Isso faz com que o espaço da cidade capitalista torne-se extremamente segmentado, refletindo na existência de áreas residenciais segregadas que refletem uma estrutura social em classes. O espaço urbano é resultado de atos realizados no

presente, como também de ações ocorridas no passado e que deixam marcas até hoje. (CORRÊA, 1994).

### 3.2 DINÂMICAS ESPACIAIS DA SEGREGAÇÃO

O processo de segregação residencial que é definido como sendo uma concentração de tipos de população dentro de um lado do território. A expressão espacial da segregação é a “área natural”, definida por Zorbaugh sendo uma área geográfica caracterizada pela individualidade física e cultural. Seria ela resultante do processo de competição impessoal que geraria espaços de dominação dos diferentes grupos sociais.(CORRÊA, 1994, p. 59).

Considerando o espaço urbano de uma cidade ou região metropolitana determinada, a segregação residencial pode ser vista como um meio de reprodução social, com, o espaço social agindo como um elemento condicionador sobre a sociedade. Neste sentido, enquanto o lugar de trabalho, fábricas e escritórios, constitui-se no local de produção, as residências e os bairros, definidos como unidades territoriais e sociais, constituem-se no local de reprodução. (CORRÊA, 1994).

O conceito de “áreas sociais” definido por Shevky e Bell como sendo áreas marcadas pela tendência à uniformidade da população em termos de três conjuntos de aspectos: condições socioeconômicas, urbanização e etnia. A isonomia de tais características origina áreas sociais, isto é, bairros homogêneos, segregados, como por exemplo, bairros operários com modestas residências unifamiliares. (CORRÊA, 1994, p. 60).

A segregação é dinâmica, envolvendo espaço e tempo. Os processos de fazer e refazer podem ser rápidos ou lentos. A dinâmica da segregação é própria do capitalismo, não sendo típica da cidade pré-capitalista, caracterizada por forte imobilismo socioespacial. (CORRÊA, 1994).

Com um simples ato de observar a paisagem expõe-se o fato de que o espaço se produz desigualmente. Essas desigualdades podem ser notadas e apreendidas nas cores, nos arranjos espaciais dos bairros e na movimentação cotidiana das pessoas. (CARLOS, 1992, p.44). Em realidade, pode se falar em auto-segregação e segregação imposta, a primeira referindo-se a segregação da classe

dominante e a segunda a dos grupos sociais cujas opções de como e onde morar são pequenas ou nulas.

O espaço urbano das cidades capitalistas é extremamente heterogêneo, a desigualdade constitui-se em propriedades próprias do espaço urbano capitalista. Ele é mutável, pois a sociedade tem a sua própria dinâmica e essa mutabilidade é extremamente complexa. (CORRÊA, 1994, p. 8).

O modo de utilização dos diferentes espaços da cidade será determinado pelo valor, que sempre está em alteração. Conseqüentemente, isso ditará a dinâmica do acesso ao solo urbano. Como resultante desse fenômeno, nas cidades ocorrem a redistribuição do uso do solo em áreas já ocupadas, o que acarreta em uma série de mudanças de pessoas e de atividades desenvolvidas em cada lugar, bem como na incorporação de novas formas da valorização do urbano. (CARLOS, 1992, p.41).

Nos grandes centros urbanos ocorre geralmente uma degradação da área central e de seu entorno, que passam a ser ocupados por pensões noturnas, zonas de diversão, hotéis mais simples e outras formas de apropriação do espaço. Isso causa uma mudança no perfil dos moradores que habitam aquela região, pois afugenta os antigos habitantes de classes mais abastadas para lugares mais afastados dos centros. A população mais pobre também busca áreas distantes do centro, mas por outros motivos, como a disponibilidade de terrenos mais baratos. Contudo, a falta de infraestrutura dessas áreas, muda a dinâmica do uso dos espaços urbanos em toda cidade, recolocando continuamente a questão da segregação. Enfim, não importa qual é o fator ou causa que fazem com que as pessoas mudem o lugar de sua habitação: o processo de segregação sempre estará presente.

A segregação residencial é, em realidade, um processo que se origina da tendência a uma organização espacial em áreas de uma forte uniformidade social interna e de forte dessemelhança entre elas, conforme CORRÊA(1994). Isso é resultado da existência de classes sociais, e de suas relações diversas na apropriação e espacialização do urbano.

A segregação residencial é uma expressão espacial das classes sociais. É muito importante que se conheça como, no capitalismo, as classes sociais foram estruturadas. Há três forças básicas que estruturam as classes sociais: uma força primária, uma força residual e forças derivativas. (CORRÊA, 1994, p. 61).

A força primária surge a partir das relações entre capital e trabalho, tornando-se uma estrutura de oposição de classes, de separação entre os donos dos meios de produção e os vendedores de força de trabalho. A força residual é criada a partir de formas passadas da organização social ou do relacionamento entre o modo de produção dominante e um submisso. A última é a forças derivativas, que surgem a partir do afloramento que ocorre devido às necessidades de cuidar dos processos de acumulação do capital por meio das inovações tecnológicas e da moderação das mudanças na organização social. (CORRÊA, 1994).

A segregação espacial apresenta um dinamismo próprio. No geral, ocorre quando uma determinada área da cidade é apropriada durante um período de tempo por um grupo social, que a organiza a seu modo. A partir de um dado momento, essa mesma área pode ser apropriada por outro grupo de status econômico inferior ou, em alguns casos, superior, através do processo de renovação urbana. (CORRÊA, 1994).

A segregação espacial é representada pela paisagem urbana metropolitana, que é fruto de uma distribuição de renda estipulada no processo de produção. Tal afastamento aparece no acesso a certos serviços, infraestrutura e meios de 'consumo coletivo. A diferença é gritante quando se nota áreas das cidades destinadas à moradia, revelando as alteridades de classe. (CARLOS, 1992, p.42).

Assim, a segregação residencial significa não apenas um meio de obtenção de privilégios para a classe dominante, que se instala em lugares que dispõem de uma densa infraestrutura de transporte e serviços, por exemplo, mas também um meio de controle e de reprodução social para o futuro. (CORRÊA, 1994).

A expressão desta segregação da classe dominante é a existência de bairros suntuosos e, mais recentemente, dos condomínios exclusivos e com muros e sistemas próprios de vigilância, dispendo de áreas de lazer e certos serviços de uso

exclusivo, entre eles, em alguns casos, o serviço de escolas públicas eficientes. (CORRÊA, 1994).

A força torna-se violência quando ultrapassa os limites ou perturba regras ou normas que ordenam as relações sociais, apontando que é a percepção do limite da perturbação e do sofrimento alheio que caracteriza um ato como violento. Por sua vez, esta percepção varia cultural e historicamente. (LIRA, 2011, p. 3).

### **3.3 ESPAÇO GEOGRÁFICO E ELEMENTOS DA PAISAGEM**

O espaço geográfico é o produto, num dado momento, do estado da sociedade, ou seja, um produto histórico e resultado da atividade de uma série de gerações que através de seu trabalho acumulado tem agido sobre ele, modificando-o, transformando-o, humanizando-o, tornando-o um produto cada vez mais distante do natural. Sua relação com a sociedade se apresenta de formas diversas diferentes graus de desenvolvimento. (CARLOS, 1992, p.32).

A observação da paisagem urbana depende de dois elementos fundamentais: o primeiro refere-se ao espaço construído, materializado nas construções e o segundo diz respeito aos fluxos, movimentos da vida e relações. O primeiro é fácil de identificar, pois quando se observa a paisagem urbana com cuidado, o que chama a atenção de primeira é o choque das diferenças. Elas mostram o tipo e a diversidade da utilização da cidade: o uso do espaço urbano, sua produção fundamentada num processo desigual, portanto, o espaço deverá necessariamente refletir essa contradição. (CARLOS, 1992, p.40).

A paisagem é uma forma histórica específica que se explica através das sociedades que a produzem, num produto da história das relações materiais dos homens que a cada momento adquire uma nova dimensão, específica de um determinado estágio do processo de trabalho vinculado à reprodução do capital, que explica mudanças sofridas na cidade. (CARLOS, 1992, p.43).

O uso produtivo do espaço se dará pelas características do processo de reprodução do capital. A localização das indústrias que recebem suporte das atividades financeiras, comerciais, de serviços e comunicações. Do outro lado da moeda existe o espaço de produção da força de trabalho, que se manifesta no uso

residencial, do lazer e das infraestruturas necessárias (escolas, hospitais e transportes coletivos), meios fundamentais para sua reprodução que são de uso comum a todos. (CARLOS, 1992, p.41).

O processo de reprodução do espaço geográfico é determinado pela reprodução das relações sociais, fundamentada na divisão técnica e social do trabalho, em nível nacional e internacional, no âmbito de formação econômico-social. (CARLOS, 1992, p.29).

A cidade aparece como uma concentração de edificações estáticas e diferenciadas, de movimentação de pessoas, em suma, é um lugar dinâmico de atividades exercidas por pessoas em conformidade as suas necessidades sociais e ligada diretamente ao processo de produção do capital.

A utilização do solo não se dará sem confrontos, uma vez que são discordantes os interesses do capital e da sociedade. O primeiro tem um propósito de sua reprodução através do processo de valorização, enquanto a sociedade espera por condições melhores de reprodução da vida. (CARLOS, 1992, p.41).

A paisagem geográfica mostra os antagonismos e as diferenças inerentes ao processo de produção do espaço num determinado momento histórico. A interligação entre os elementos físicos e sociais será a expressão material da unidade contraditória de relações entre sociedade e a natureza, seja esta a primeira natureza ou a natureza já modificada socialmente. (CARLOS, 1992, p.42).

### **3.4 O ESPÍRITO SANTO E A RMGV**

Em meados da década de 1960, no contexto nacional da aceleração do desenvolvimento industrial ocorrido no Brasil, as trajetórias da economia estadual, constituída majoritariamente por relações familiares de produção ligadas ao setor primário da produção do café, sofreriam mudanças significativas. A economia estadual foi inserida nos novos circuitos de expansão e de acumulação do capital, tendo a industrialização como principal vetor desse processo. A economia passou a crescer a taxas superiores às da economia nacional, o que veio produzindo significativos impactos na dinâmica social, econômica, política e cultural do Estado,

com consequentes alterações no processo de urbanização. (ZORZAL E SILVA, 2010).

A situação do ES pode se configurar nos casos de períodos de mudança rápida por efeitos da industrialização, migrações, modernização, mobilidade horizontal e vertical na estrutura social. Considerando o caso da região metropolitana do ES que, nas décadas de 1960 e 1970 podem ser qualificadas como pré-industrial tal industrialização é recente e os efeitos, principalmente sociais, não se encontram suficientemente mapeados, constituindo-se em um campo de questões sociológicas em aberto. (RODRIGUES; CRUZ, 2011, p.11).

O modelo de industrialização implantado no ES na década de 1960 teve influência muito grande nos movimentos de concentração urbana e industrial no entorno da Cidade de Vitória. A dinâmica da economia estadual não era mais regional/local, como no modelo anterior, e passou a ser impulsionada pelos mercados externos e variações da economia mundial, principalmente depois da instalação da Companhia Vale do Rio Doce – CRVD. O Espírito Santo deu início ao processo de transição de uma economia agrário-exportadora, centrada na cafeicultura, para uma economia urbana industrial. (ZORZAL E SILVA, 2010).

A CVRD, desde os anos 1960, veio executando uma arrojada estratégia de investimentos em logística de transportes e siderurgia na região do Vale do Rio Doce (MG e ES), com vistas a ganhar competitividade no mercado internacional de minério de ferro, o que acabou por se sobrepor e modelar os rumos da economia capixaba (ZORZAL E SILVA, 2010, p. 31).

A criação da Região Metropolitana da Grande Vitória – RMGV no ano de 1995, com a Lei Complementar Nº 58, constituída pelos municípios do entorno de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana, constituída primeiramente por esses 5 municípios e depois no ano de 2001, com a Lei Complementar Nº 204 é adicionado Guarapari e Fundão. Em meados dos anos 90, a RMGV passou a ser constituída dos atributos necessários para a realização das atividades de produção e consumo, com potencialidades de gerar meios para gestão e distribuição de serviços e mercadorias, além de também passar a concentrar o maior contingente populacional. (ZORZAL E SILVA, 2010).

Desse modo, no Espírito Santo, a velocidade, conjunto, profundidade e complexidade deste processo de transformações sociais e econômicas significaram a transformação de modos de vida tradicional e implicaram decisivamente na sociabilidade e constituição emocional dos indivíduos. A modernização ocorrida na região metropolitana gerou impactos sociais,



culturais, políticos e psicológicos que podem exceder a capacidade de adaptação de diversas camadas sociais e dos indivíduos, bem como criar equilíbrios instáveis e prejudiciais à própria sociabilidade. (RODRIGUES; CRUZ, 2011, p.11).

De acordo com o Art. 1º da Lei Complementar N°58, que institui a RMGV, a junção das cidades do entrono da capital capixaba em um âmbito administrativo e institucional conjunto tinha em vistas a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, no âmbito metropolitano. Ainda segundo a lei, no Art. 4º, diz serem consideradas de interesse comum às atividades que atendam a mais de um município, assim como aquelas que, mesmo restritos ao território de um deles, sejam de algum modo, dependentes ou concorrentes de funções públicas e serviços supramunicipais. Como se pode desconfiar, uma das atividades de interesses em comum é desenvolvimento econômico e social com ênfase na geração de emprego e distribuição de renda e a seguridade pública.

O Espírito Santo cresce acima da média nacional há várias décadas, e boa parte deste crescimento deve-se ao desempenho das *commodities* (minério de ferro, aço, celulose, e mais recentemente, petróleo e gás). Sabe-se que hoje é um dos estados mais desenvolvidos do Brasil, o que pode ser verificado pelos seus indicadores econômicos e sociais (PIB *per capita*, IDH), e que a produção de *commodities* foi decisiva neste processo. (CAÇADOR; GRASSI, 2009, p. 2).

O conjunto de transformações ocorridas na economia e sociedade capixaba eram conduzidos pela RMGV, que apresentava grandes índices de concentração populacional, renda, produção e consumo.

O progresso observado no Espírito Santo nas últimas décadas foi notório e contundente. O Estado saiu da oitava para a quarta posição na economia nacional, entre os estados da federação com maior renda per capita. Reduziu à metade a incidência de pobreza, como consequência do aumento da renda domiciliar e da redução da desigualdade. Em 2010, mais da metade dos capixabas já estava inserida na classe média, compondo um mercado consumidor ativo, com acesso ao crédito, aos bens de consumo duráveis e mais importantes, ao mercado de trabalho em franca expansão. (IJSN, 2010, p.9).

Tabela 2. População residente dos Municípios da RMGV – estado do Espírito Santo – 2000/2010

<b>Municípios</b>	<b>Total em 2000</b>	<b>Total em 2010</b>
Viana	53.452	65.001
Vila Velha	345.965	414.586
Vitoria	292.304	327.801
Serra	321.181	409.267
Cariacica	324.285	348.738
Guarapari	88.400	105.286
Fundão	13.009	17.025

Fonte: IBGE – Censo 2010.

O crescimento da população, associado à precariedade das condições de renda da maior parte da população, trouxe uma ampla e desordenada formação de assentamentos subnormais, inferior do que era considerado normal na época, notadamente nos municípios adjacentes à capital. Como consequência, ampliaram-se os problemas urbanos, os quais passam a caracterizar por:

O contraponto entre duas cidades que passam a coexistir no mesmo espaço: a 'cidade legal' preconizada nos planos e projetos oficiais, e a 'cidade real' que se espalha pelas áreas de mangue, sob as encostas dos morros e loteamentos clandestinos, ocupando áreas que deveriam estar destinadas à preservação ambiental e da paisagem (ZORZAL E SILVA, 2010, p.32).

O rebatimento das classes sociais fragmentadas no espaço verifica-se basicamente devido ao diferencial da capacidade que cada grupo social tem de pagar pela residência que ocupa, a qual apresenta características diferentes no que se refere ao tipo e à localização. Em relação ao onde morar, é preciso lembrar que existe uma distinção espacial na localização das residências vistas em termos de conforto e qualidade. Esta diferença reflete, em primeiro lugar, em um diferencial no preço da terra, que é a função da renda esperada, que varia em função da acessibilidade e das amenidades. Aqueles que têm um grande poder aquisitivo

conseguem arcar com os custos de uma localização privilegiada de suas moradias, já a parcela da população com a renda baixa, não consegue arcar financeiramente as mesmas áreas. (CORRÊA, 1994).

Nas cidades da RMGV, as diferenças internas da paisagem urbana torna perceptível essa fragmentação e segregação socioespacial que ocorre no Espírito Santo. Considerando os seus fatores causadores, percebe-se que a RMGV é um espaço heterogêneo, que apresenta os problemas típicos de uma grande cidade capitalista, exatamente como Corrêa disse anteriormente. O interessante que também é como esse fatiamento da cidade pode ser visto nos padrões das construções, que expressam a desigualdade de forma forte e visível, assim como Ana Fani Carlos havia dito.

Questionando sobre a questão de quem é que produz a segregação, já foi visto o papel do Estado, e latente à ação estatal está a classe dominante ou algumas de suas frações. A atuação dessas frações de classe se faz, de um lado, através da autosegregação, na medida em que podem efetivamente selecionar para si as melhores áreas, excluindo-as do restante da população: habitarão onde desejarem.

Desse modo, trata-se de um processo que descreve a cidade, e não apenas a cidade capitalista. Ainda que sob a proteção do capitalismo, a segregação assume novas dimensões espaciais, novas configurações que estão sempre em constante mutação. (CORRÊA, 1994).

As carências em relação à infraestrutura e aos serviços eram de tal ordem que os moradores desses espaços segregados, apoiados por Comunidades Eclesiais de Base, Igreja Católica, Sindicatos e ONGs, uniram-se em associações e centros comunitários, formando amplos movimentos sociais para reivindicarem melhorias junto aos poderes públicos municipal e estadual, especialmente no que se refere a água, esgoto, iluminação, escadarias, escolas, transportes etc. Esses movimentos encontraram maior espaço de ação e luta a partir dos anos 80 com a redemocratização da sociedade brasileira. (ZORZAL E SILVA, 2010, p. 32).

Esse momento após o fim da ditadura, no período de redemocratização, os movimentos sociais reivindicativos, sobretudo nos anos 1980, expressando as grandes carências de atendimento às demandas sociais geradas pelo modelo

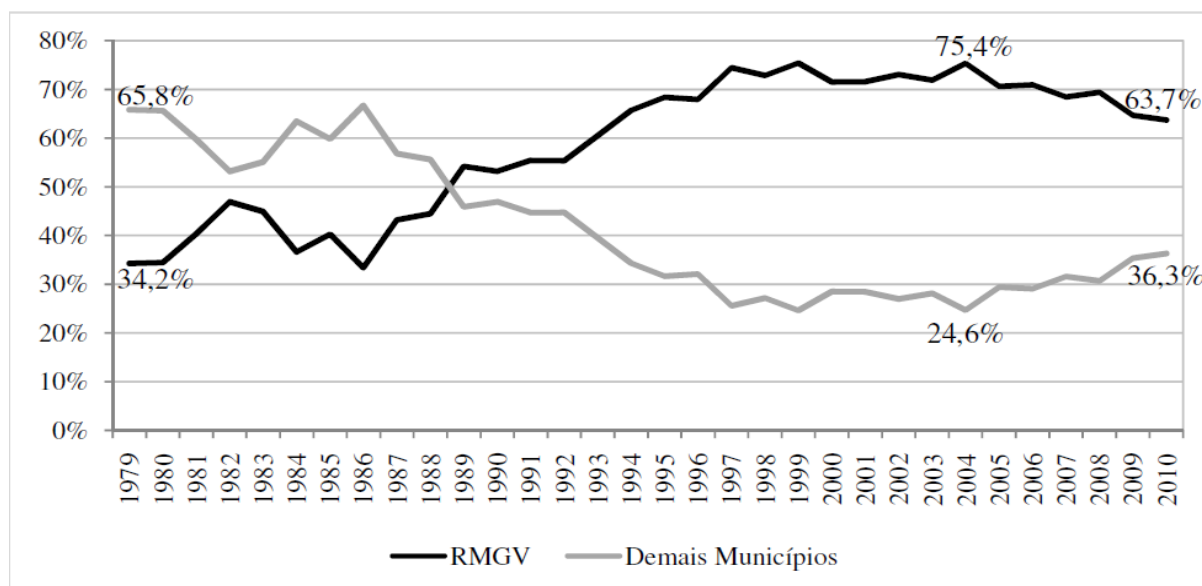
econômico e no segundo, na forma de crise de governo e de representatividade, especialmente nos anos 1990, cuja década esteve pontuada por crises que refletiram a natureza do descaso ético e moral das elites políticas capixabas no que se refere ao trato dos bens públicos e à gestão do Estado.

O período que se inicia em 1990, que compreende o 3º Ciclo de Desenvolvimento Econômico do Espírito Santo, é caracterizado como um processo de “diversificação concentradora”. Diversificação não significa que novas atividades produtivas tenham surgido na economia capixaba, mas, sim, que se ampliou o leque de atividades importantes para a mesma a partir da evolução qualitativa nos anos 1990 de atividades como os serviços de comércio exterior. (CAÇADOR; GRASSI, 2009, p. 3).

A participação da RMGV e dos demais municípios no total de homicídios registrados no estado ao longo das últimas três décadas revela períodos distintos. Até a década de 1980, os demais municípios evidenciavam uma maior participação percentual nos homicídios. Os municípios que compõem hoje a RMGV passaram a apresentar uma maior representatividade no total de homicídios registrados a partir da década de 1990. Nas duas últimas décadas, os homicídios capixabas mostraram-se concentrados na RMGV. Entre 1999 e 2005 os municípios que hoje compõem a RMGV chegaram a concentrar 75,4% dos homicídios do Espírito Santo. Desde 2005, essa participação relativa vem se reduzindo, até alcançar o percentual de 63,7% em 2010. (LIRA, 2014).

A região metropolitana da Grande Vitória, que figura entre as dez metrópoles com grande concentração populacional, possui problemas urbanos típicos, dentre os quais, o aumento dos índices de violência e criminalidade, com ênfase no homicídio, cuja percepção é de ser proporcionado em grande parte pelo tráfico de droga e pelas desigualdades decorrentes da ausência da responsabilidade parental do Estado. (RODRIGUES; CRUZ, 2011, p.7).

Gráfico 3. Participação relativa dos homicídios, segundo região - Espírito Santo 1979-2010



Fonte: LIRA (2014, p.11).

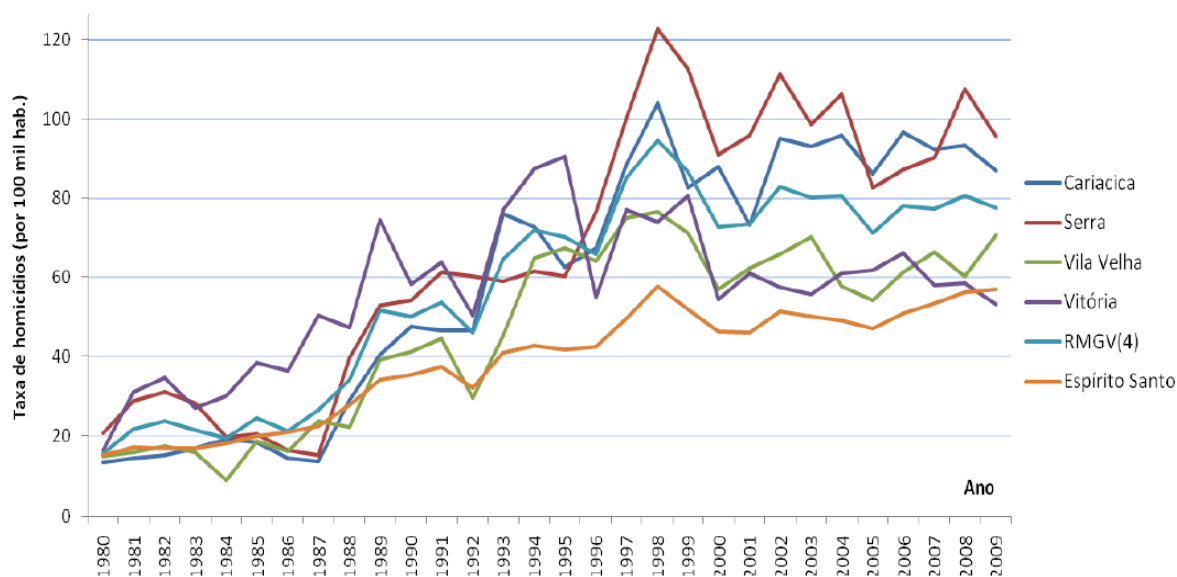
O padrão de concentração dos homicídios é resultante, principalmente, do processo de urbanização do Espírito Santo, que se evidenciou centrado e concentrado na atual área da RMGV, que congrega aproximadamente grande parte da população estadual, cerca de 1.687.704 habitantes, só na região metropolitana, sendo que o Estado todo tem 3.514.952 habitantes, de acordo com o censo de 2010. (LIRA, 2014).

A organização socioespacial observada hoje nessa região é, em grande parte, reflexo da acumulação histórica dos processos desencadeados a partir da década de 70, cujos quais promoveram significativas alterações nas estruturas sociais, econômicas, demográficas, dentre outras. Diversos fatores estruturais, a saber, inchaço populacional, ineficiência de planejamento urbano e políticas sociais adequadas, degradação urbana, acirramento das desigualdades socioeconômicas e segregação socioespacial se correlacionaram nas décadas posteriores à urbanização da década de 70 e passaram a influenciar o aumento dos índices criminais na RMGV. ( LIRA, 2014, p. 12).

Enquanto na esfera econômica via-se um processo de modernização acelerado que ampliava e inseria a economia estadual nos circuitos internacionais, com a modernização do mercado, e os grandes índices de crescimento

apresentados, nas esferas política e institucional se via um processo de não evolução, principalmente no que diz respeito aos padrões de inclusão social e também no campo das relações de sociabilidade política, assim como nos padrões de criminalidade de violência. (ZORZAL E SILVA, 2010).

Gráfico 4. Taxas de homicídios (por 100 mil hab.) nos municípios de Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória entre 1980 e 2009.



Fonte: RODRIGUES; CRUZ (2011, p.13).

Houve uma tendência de evolução dos dados apresentados ao longo dos anos, único município que se percebe uma queda razoável foi Vitória, a partir da virada do milênio e um destaque não muito agradável para a Serra, que a partir dos meados dos anos 90, houve um forte crescimento e fez com a cidade por muitos anos consecutivos se manteve com as maiores taxas de homicídios.

### 3.5 CRIMINALIDADE E VIOLÊNCIA

O atual Código Penal não fornece um conceito de crime, somente dizendo, em sua Lei de Introdução, que ao crime é reservada uma pena de reclusão ou de detenção, quer alternativa ou cumulativa mente com a pena de multa. (GRECO, 2015).

Duas concepções opostas se embatem entre si com a finalidade de conceituar o crime: uma de caráter formal, outra de caráter substancial. A primeira atém-se ao crime *sub espécie iuris*, no sentido de considerar o crime 'todo o fato humano, proibido pela lei penal'. A segunda, por sua vez, supera este formalismo considerando o crime todo o fato humano lesivo de um interesse capaz de comprometer as condições de existência, de conservação e de desenvolvimento da sociedade. (GREGO, 2015, p.194).

Nesse trabalho, não se pretende proceder a uma confirmação empírica de que a desigualdade socioeconômica é a causa exclusiva da violência. Não adiantando conclusões, pode-se afirmar que a causalidade da criminalidade violenta nunca se deve a um único fator, mas sempre a um conjunto de fatores. (LIRA, 2011).

Na cidade, a violência criminalizada está arraigada à desigualdade existente entre as classes abastadas e as populações desprivilegiadas. Além da má distribuição de renda e riqueza, recursos urbanos de toda ordem (serviços e equipamentos coletivos) são distribuídos de forma desigual. (LIRA, 2011, p.7).

O problema da violência tem assumido ares de destaque na questão da segurança pública e no âmbito social. No caso do Espírito Santo, a violência vem aumentando cotidianamente desde meados da década de 1970, quando o Estado se encontrava em pleno desenvolvimento industrial capitalista. No que se refere aos índices de homicídios, o período 1979-83 apresenta um aumento de 11,9% no número de homicídios em relação ao período anterior; o período de 1983-87 apresenta aumento de 22,9%; e o período de 1987-1990 apresenta o maior aumento do período, com 69,9%. Nos dois períodos seguintes, o aumento volta para a casa dos vinte por cento, em 1991-94 com 21,4% de aumento e 1995-99 com 28,7%. Por fim, o período de 1999-2002 apresenta um aumento de 3,2%. (PLANO DE DESENVOLVIMENTO, 2006).

Na esfera penal, a expressão “violência” designa apenas a violência física ou corporal, ou seja, o emprego de força física sobre o corpo da vítima de modo a facilitar a execução de determinado crime, a exemplo do que ocorre nos crimes de roubo e de estupro. O termo “violência” não abrange, portanto, a grave ameaça nem tampouco a chamada violência imprópria, que corresponde à utilização de qualquer outro meio capaz de reduzir a possibilidade de resistência por parte da vítima. (LIMA, 2014, p.893).

Violência significa utilizar a agressividade intencionalmente, ou seja, empregar a força física e intimidação moral para ameaçar ou cometer algum ato violento que pode resultar em acidente, morte ou trauma psicológico.

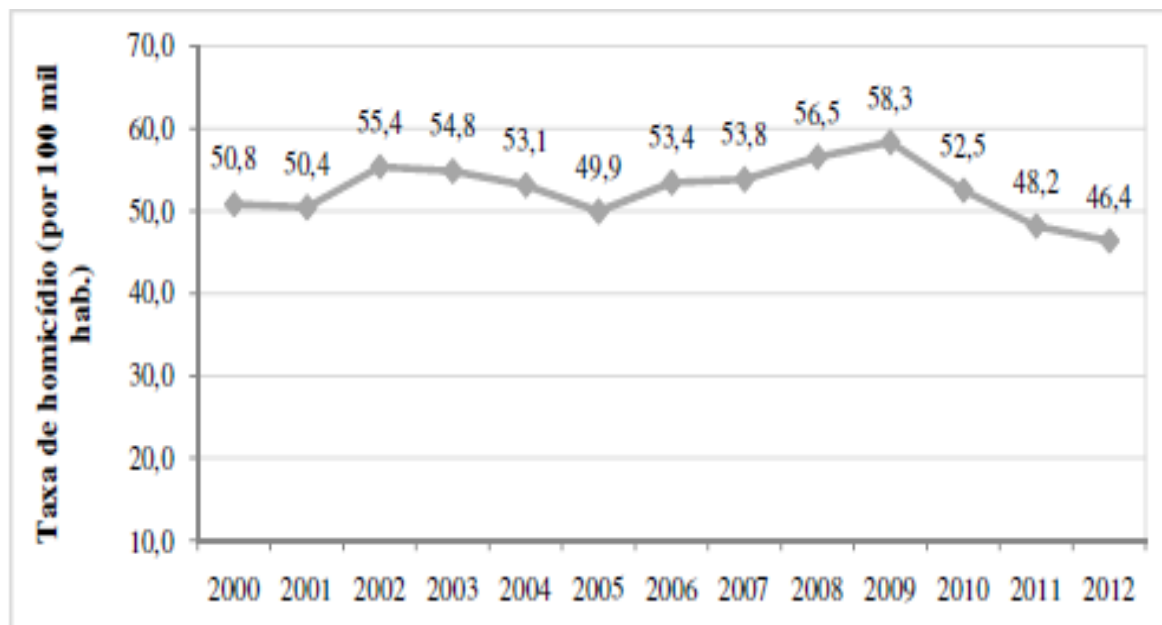
A maneira desigual e contraditória pela qual o espaço urbano é construído e reproduzido torna a cidade um palco privilegiado para os conflitos e desentendimentos interpessoais. A violência emana neste contexto e é influenciada pela segregação social. Da mesma maneira que o espaço urbano é fragmentado, a violência se desdobra distintivamente atingindo estratos da sociedade de forma diferenciada. (LIRA, 2011, p.7)

Os municípios do estado que registraram as mais altas taxas de mortalidade em 2000, foram Serra, Cariacica, Vila Velha, Vitória e Guarapari, na região metropolitana, e Linhares e Cachoeiro de Itapemirim no interior do estado. (Plano de Desenvolvimento, 2006). Sendo três deles, Serra, Vila Velha e Cariacica, os locais onde ocorreu o maior número de assassinatos a policiais no Estado, os três fazem parte da RMGV, no período de 2003 – 2018.

Na verdade, o homicídio é o principal expoente da violência, pois envolve vigor e potência no emprego da força física, com ou sem o uso de armas, resultando em grave perturbação e sofrimento alheio. Todavia, ele não retrata a totalidade da violência percebida e consumada nos centros urbanos brasileiros. A imposição do medo de viver em cidades como Vitória é construída a partir da conjugação de tipos de criminalidade violentas diversas. (LIRA, 2011, p.8).



Gráfico 5. Taxa de homicídio doloso por 100 mil habitantes – Espírito Santo 2000 – 2012.



Fonte: LIRA (2014, p.9).

A violência levaria a um rompimento do espaço da cidade, ou seja, uma divergência que colocaria em perigo a própria existência da unidade territorial das cidades. (ZANOTELLI et al., 2011).

Quando a fragmentação se referir aos aspectos socioeconômicos em relação à transformação da sociedade e do espaço, poderemos também verificar a aplicação deste conceito não é simples e depende das escalas de abordagem. (ZANOTELLI et al., 2011, p.71.)

A globalização da economia leva uma diferenciação bem forte entre “centros” e “periferias”, vinculados e desvinculados, porém há uma disputa dos espaços centrais pelos desvinculados. (ZANOTELLI et al., 2011).

Os assassinatos não são nada a mais do que consequências das manifestações dos processos de segregação e acumulação do capital que acontece numa cidade tipicamente capitalista como as que se encontram na RMGV.

### 3.6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Com os dados e os mapas buscar entender a distribuição das ocorrências em todo o Estado e com um foco na RMGV, onde é possível se encontrar maior quantidade de informações para se analisar.

Figura 3. Mapa de casos por municípios e suas macrorregiões

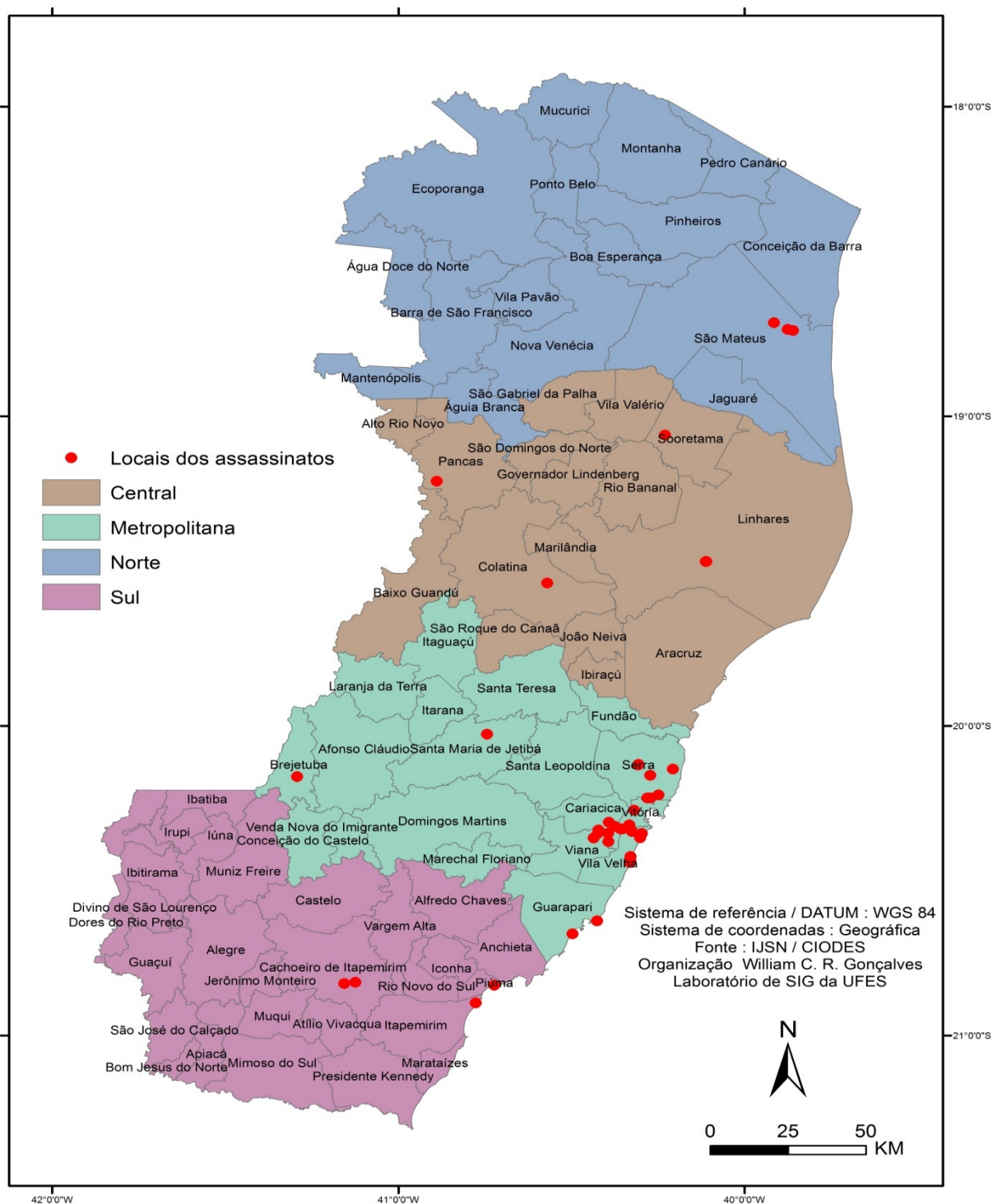
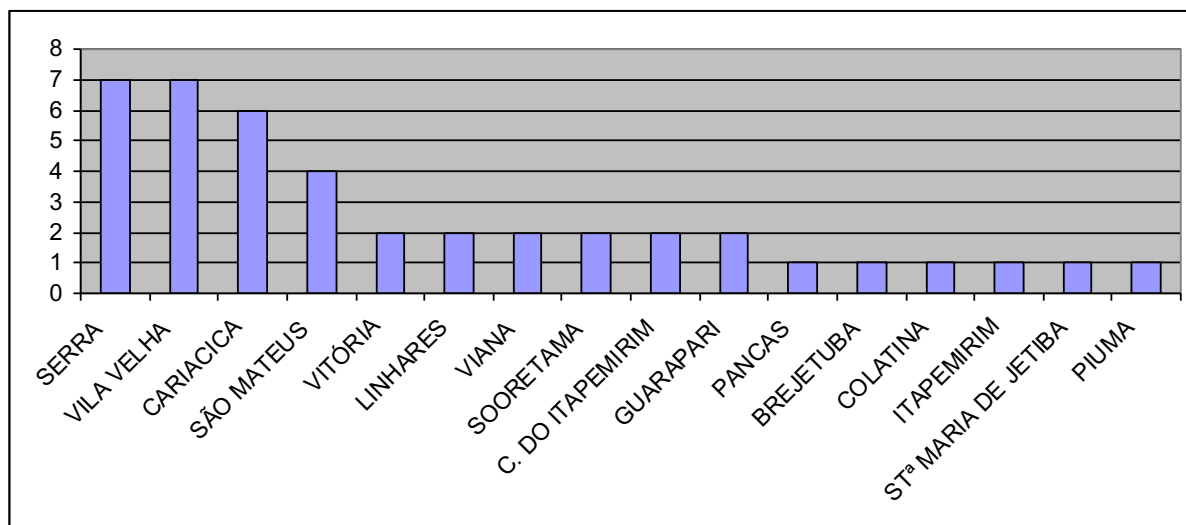
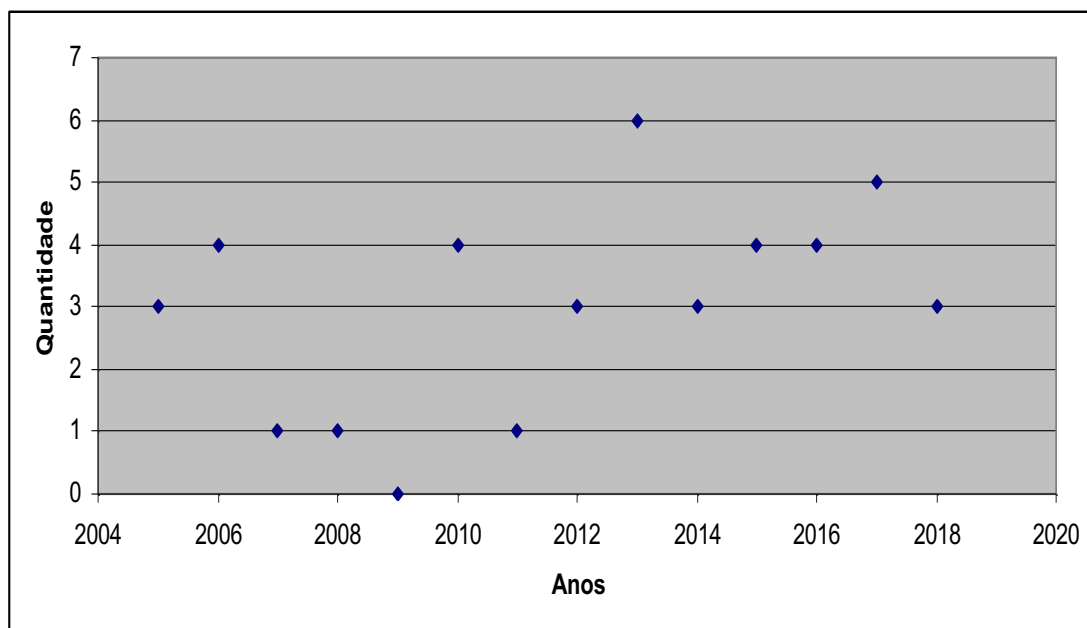


Gráfico 6. Distribuição dos assassinatos por municípios



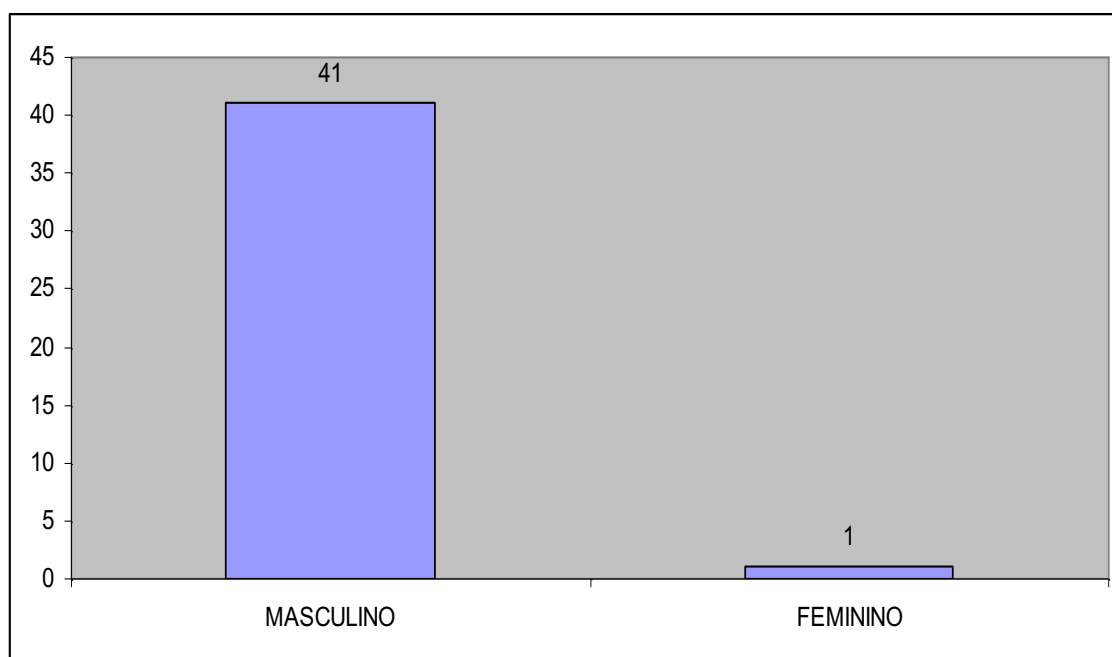
Esse mapa mostra todos as 42 ocorrências de assassinatos em todo estado. Foi feita uma regionalização em macrorregiões do Espírito Santo. Destaque maior fica com a Macrorregião Metropolitana que foi onde se concentrou maior parte dos casos e é onde tem maior contingente policial e populacional. Dos 17 municípios com assassinatos, os três primeiros se encontram na RMGV e dos três, dois são as cidades com maior número de habitantes.

Gráfico 7. Quantidade de assassinatos por ano



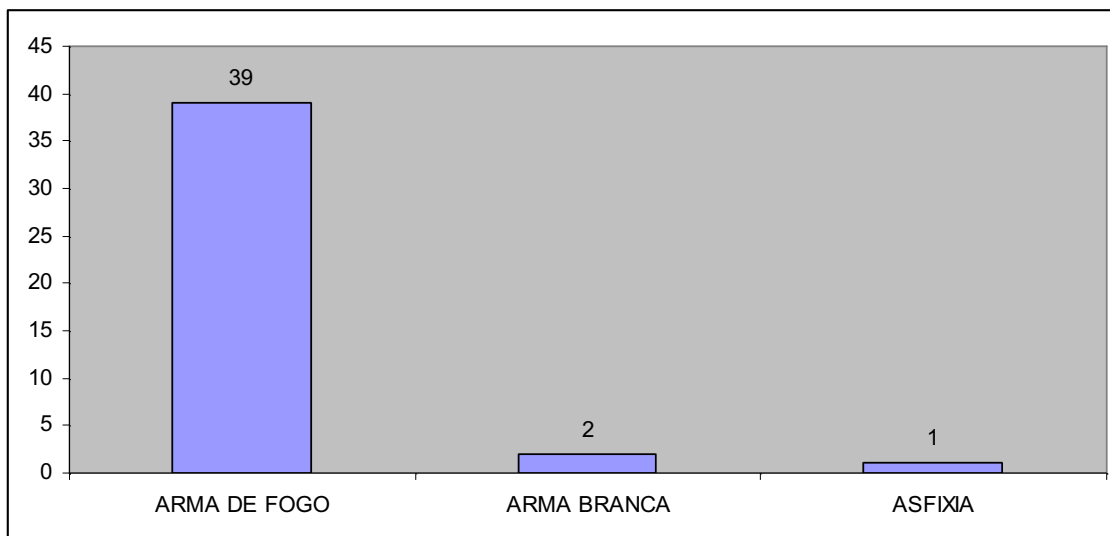
Percebe-se que apenas no ano de 2009, não se ocorreu nenhum ou não se tem dados sobre assassinatos de policiais, destaque para o ano de 2013, em que se teve o pico de crimes, no ano de 2017 em que se teve a greve dos militares em todo estado foi quando se teve um grande número desse crime também e em 2018, como os dados foram coletados até abril, já se sabe da ocorrência de mais 2 depois desse levantamento.

Gráfico 8. Quantidade de crime por tipo gênero da vítima



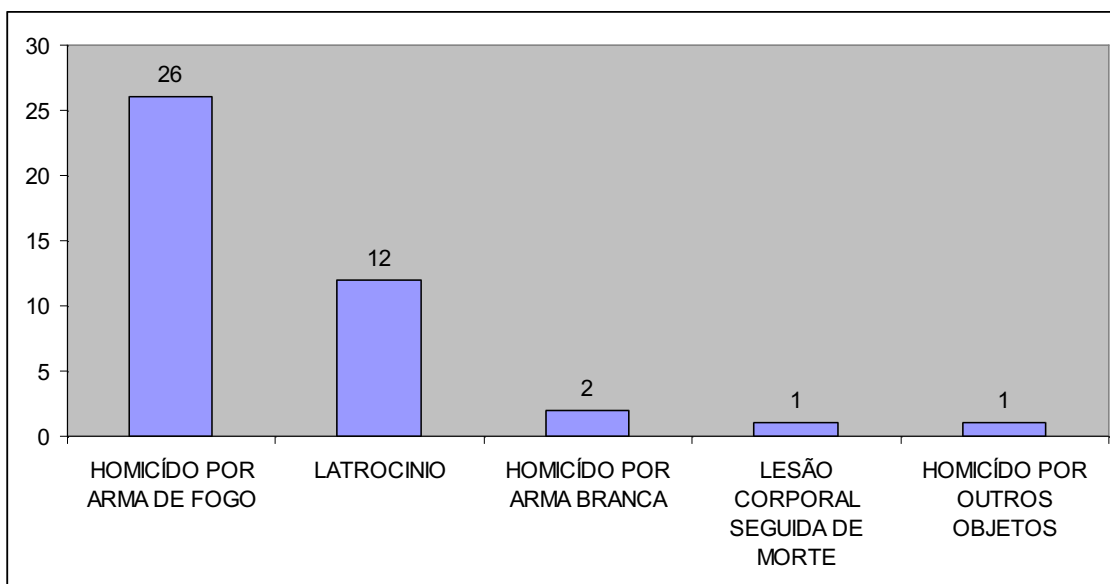
Apenas um caso em que a vítima era do gênero feminino, pode ser pelo efetivo da corporação seja de maioria masculina, tanto militar quanto civil. O Estado do é um das unidades da federação que mais tem ocorrências de feminicídios.

Gráfico 9. Quantidade de crimes por meios utilizados



Praticamente todos os crimes foram cometidos por armas de fogo, isso pode ser uma hipótese como pode ser tão fácil se ter uma arma de fogo em posse de uma pessoa.

Gráfico 10. Quantidade do crime por qualificação do crime



Como é “fácil” se obter uma arma ilegalmente no país, não chega ser uma surpresa que grande parte dos homicídios ou mortes em geral sejam causadas por envolvimento com arma de fogo. Também uma hipótese é que os policiais possam

ter reagido a algum tipo de ocorrência e no final pode ter sido morto com a própria arma que é uma das suas ferramentas de trabalho.

Figura 4. Mapa da condição da vítima

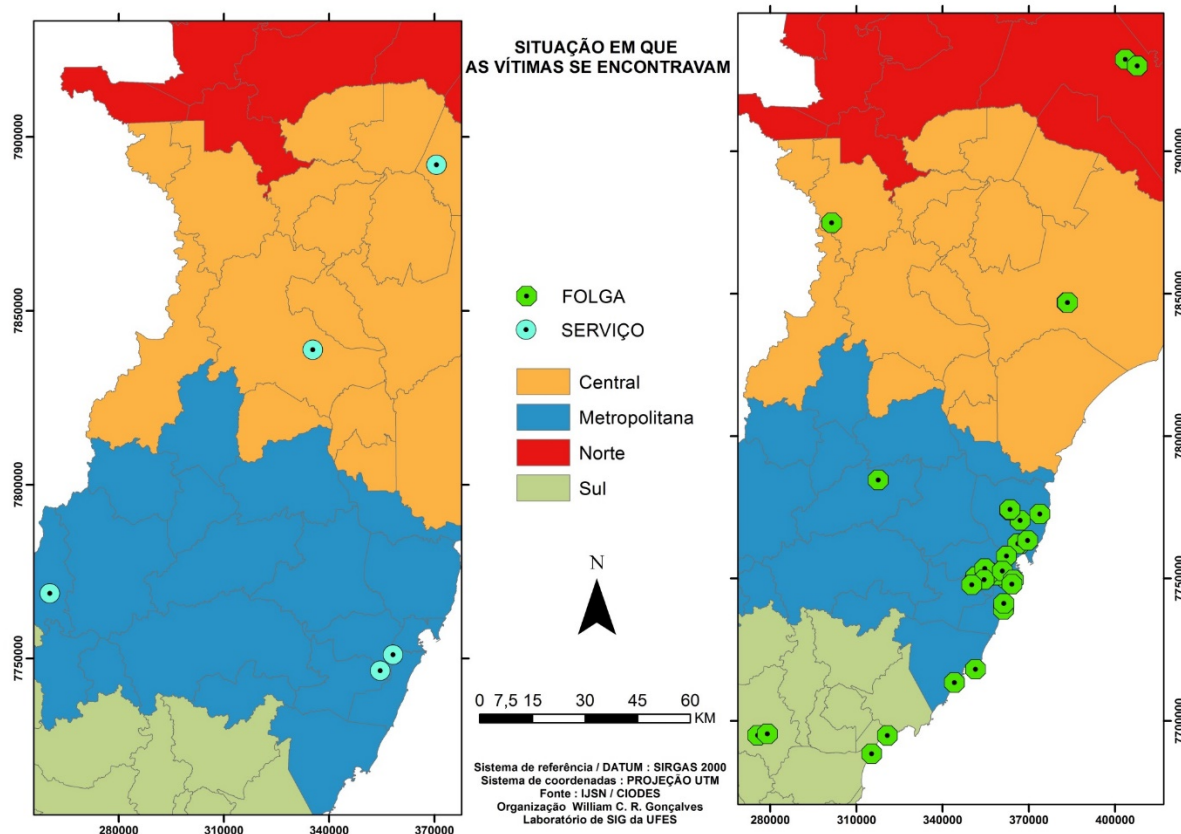
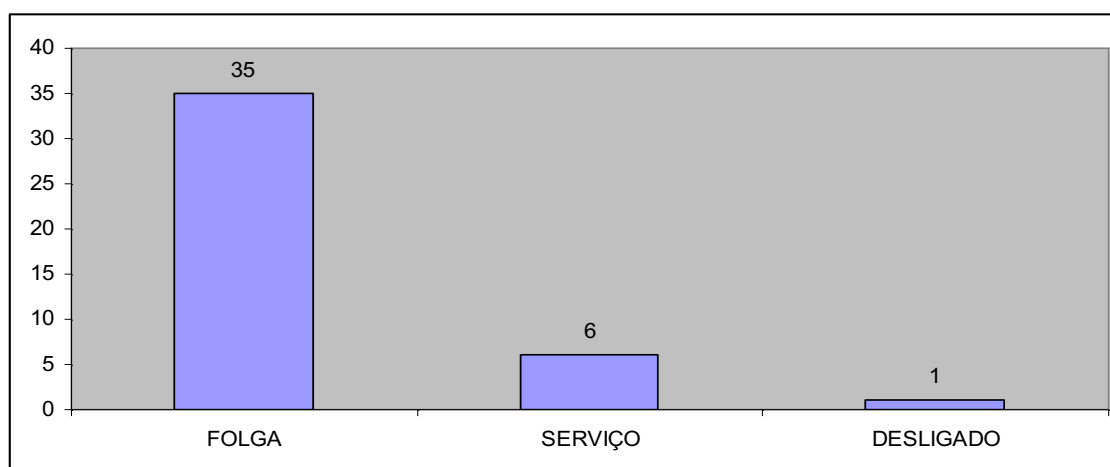


Gráfico 11. Quantidade de crime por situação do militar no ato



Nesses dados (Figura 4 e Gráfico 11) é interessante perceber a relação, a partir do momento do crime, grande parte dos que morreram em folga, eram militares (Figura 6 mostra a corporação das vítimas e os militares são a maioria que

morreram de folga) pode ser que tenham morrido em bicos (que servem como uma complementação da sua renda, geralmente esse serviço é de segurança ou vigia em algum estabelecimento comercial e é feito justamente nas folgas do serviço, como o trabalho de policial é geralmente feito em escala) ou em algum evento social, maior parte dos que morreram em serviços eram civis, que foram mortos durante a execução da profissão. Uma suposição é que os militares principalmente por ganhar um salário menor que os civis, pelo menos os praças, geralmente frequenta os lugares com maior segregação, seja espacial, social e econômica.

Figura 5. Grupos étnicos

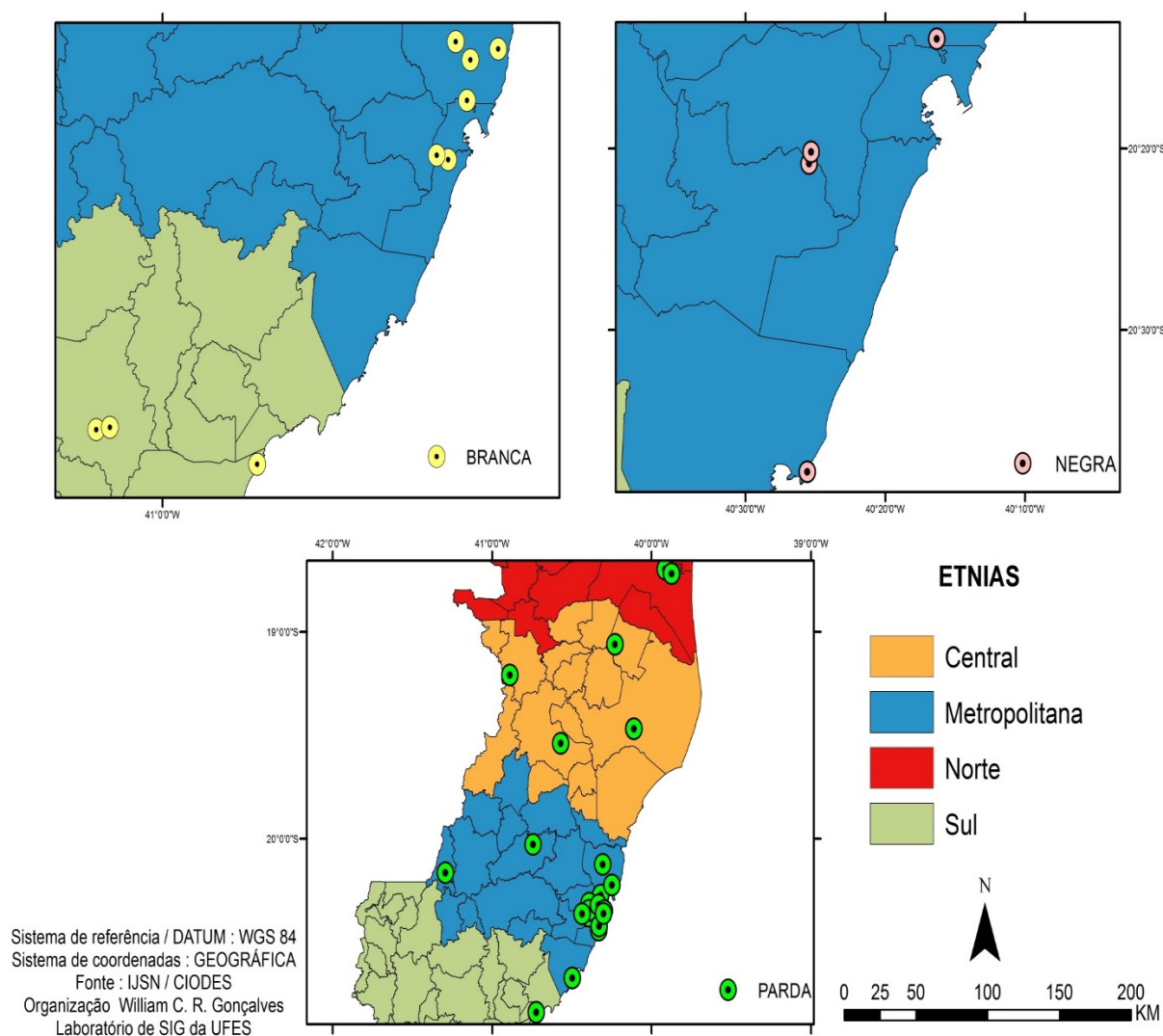
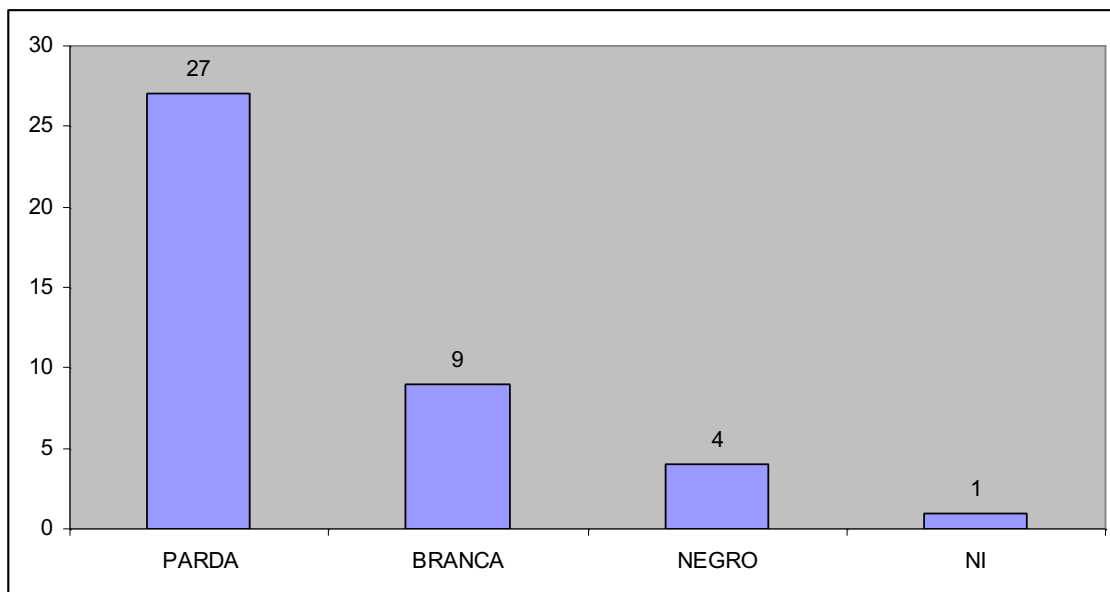


Gráfico 12. Quantidade de crime por etnias



A análise da figura juntamente com o gráfico 12, mostra como o Brasil é um país com um alto grau de miscigenação de etnias e que maior parcela da população se identifica como pardo ou negro grande maioria das vítimas são dessas etnias. Lembrando que para o IBGE pardo é considerado negro, nesse caso dos dados não foi levado em consideração essa condição. Uma teoria é que os locais mais segregado são aqueles em que grande parte da população é negra ou parda.



Figura 6. Instituição das vítimas

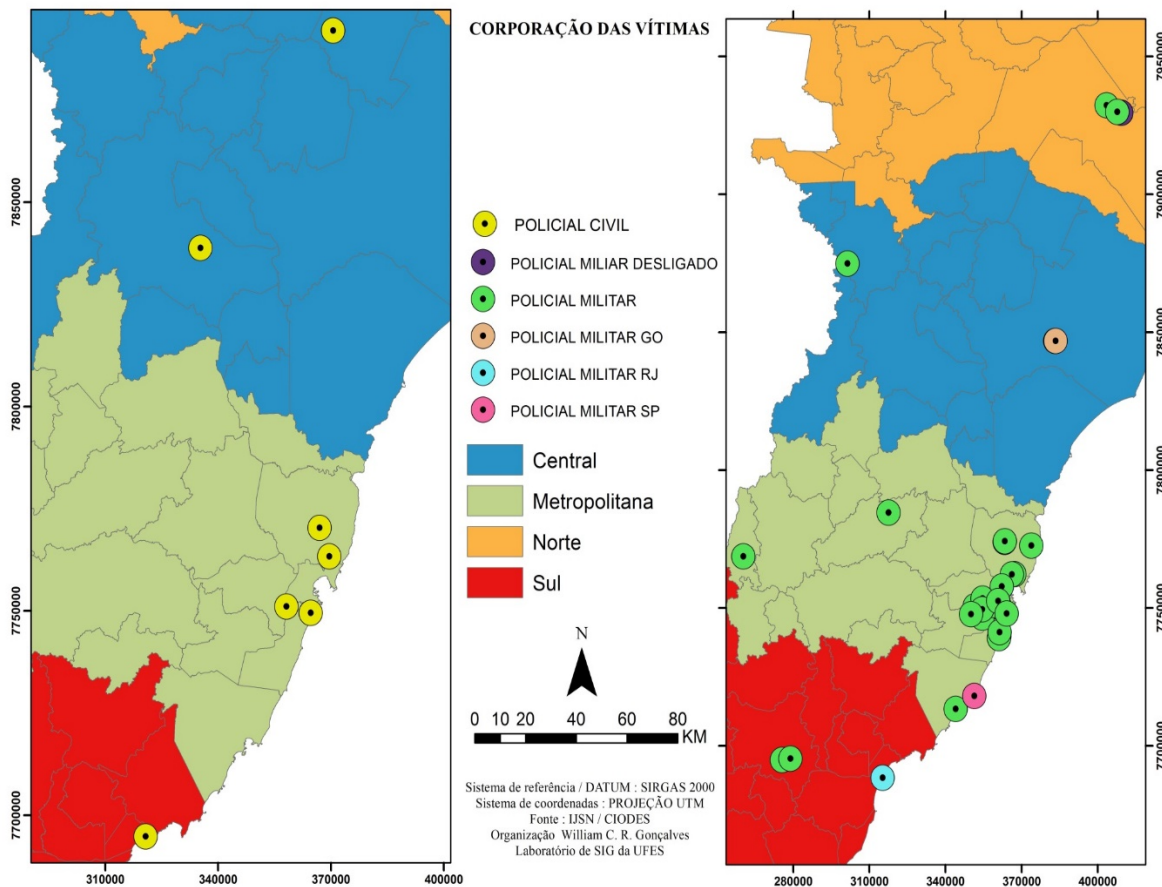
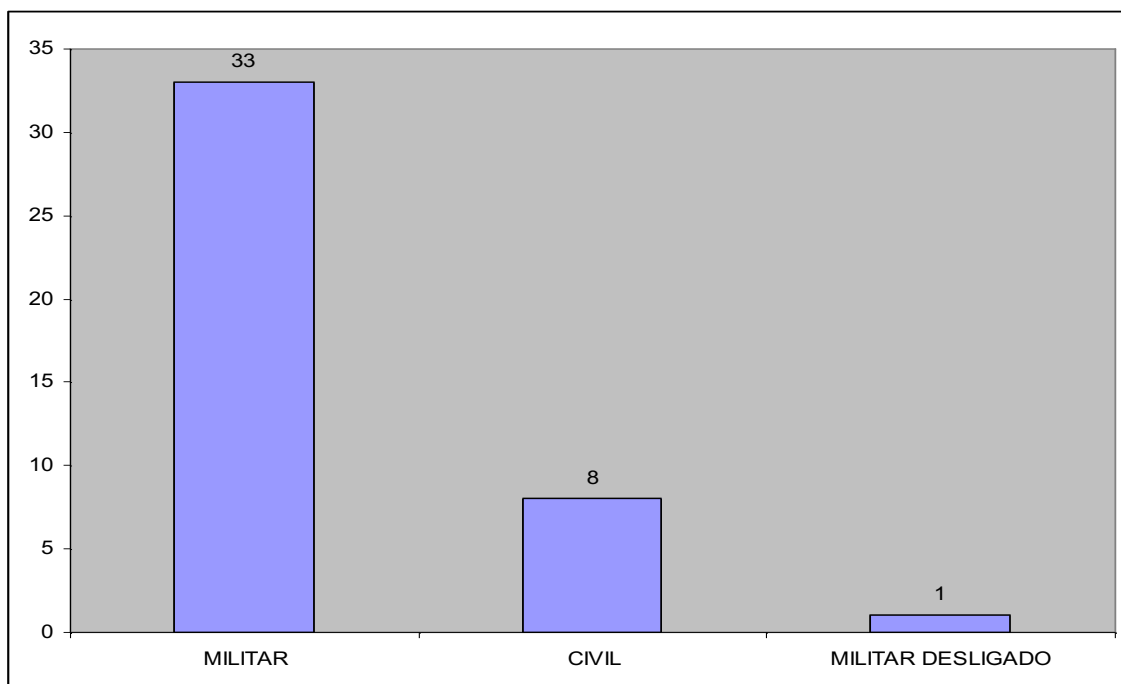
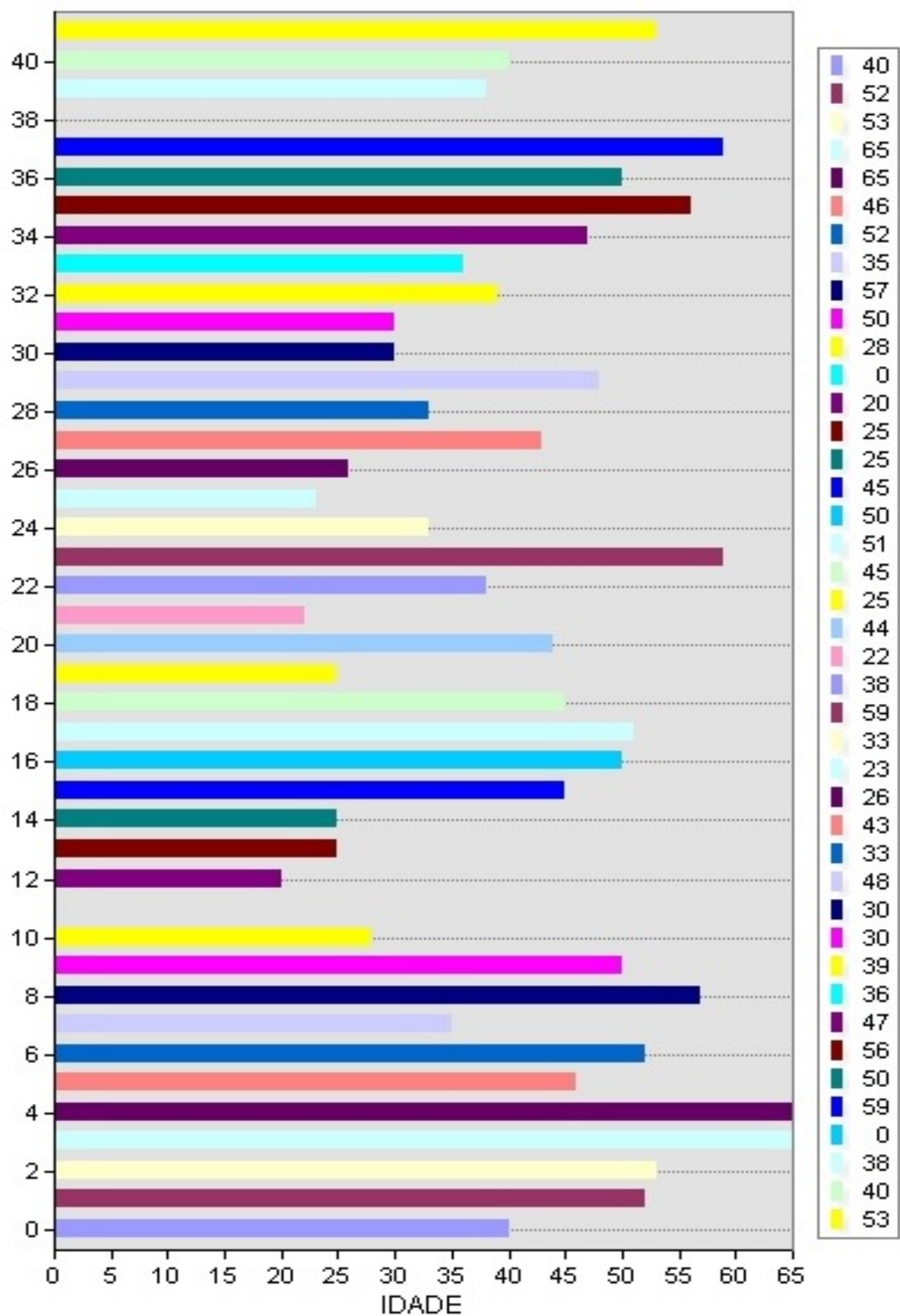


Gráfico 13. Quantidade de crime por instituição da vítima



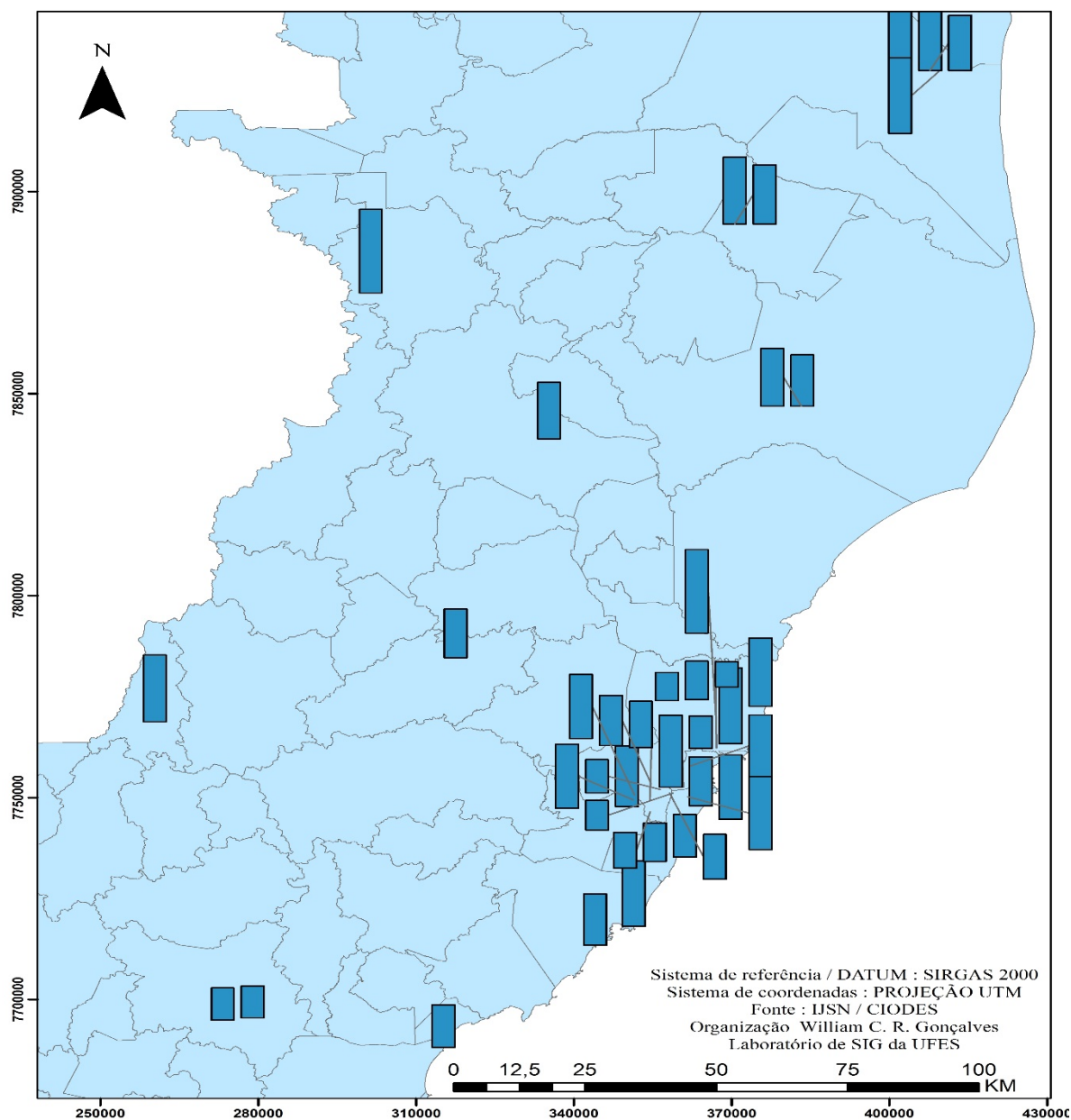
A análise da figura 6 juntamente com o gráfico 13, releva como uma primeira linha de frente na segurança pública os militares, são aqueles que têm o maior contato com a população, maior contingente na instituição, assim estando mais suscetível a confrontos. Uma hipótese a ser levantada é que os militares por terem um salário menor que os policiais civis, pelo menos os grupos dos praças, são as mesmas pessoas que frequentam os locais mais segregados, seja por lazer ou trabalho, como já foi comentado acima.

Gráfico 14. Idades de cada policial



O gráfico mostra todas as vítimas e suas respectivas idade. A pessoa mais nova morta tinha 20 anos e a mais velha tinha 65. O que se encontra em 0 são pessoas que não foi possível identificar a idade. A idade média é de 42 anos, uma idade já um pouco avançada.

Figura 7. Distribuição espacial das idades das vítimas



Nesse mapa mostra como está a organização no espaço das idades das vítimas, a idade varia de acordo com o tamanho da barra, quanto maior a barra, mais idade a pessoa tem, apenas duas vítimas não tiveram a idade mensurada. Na

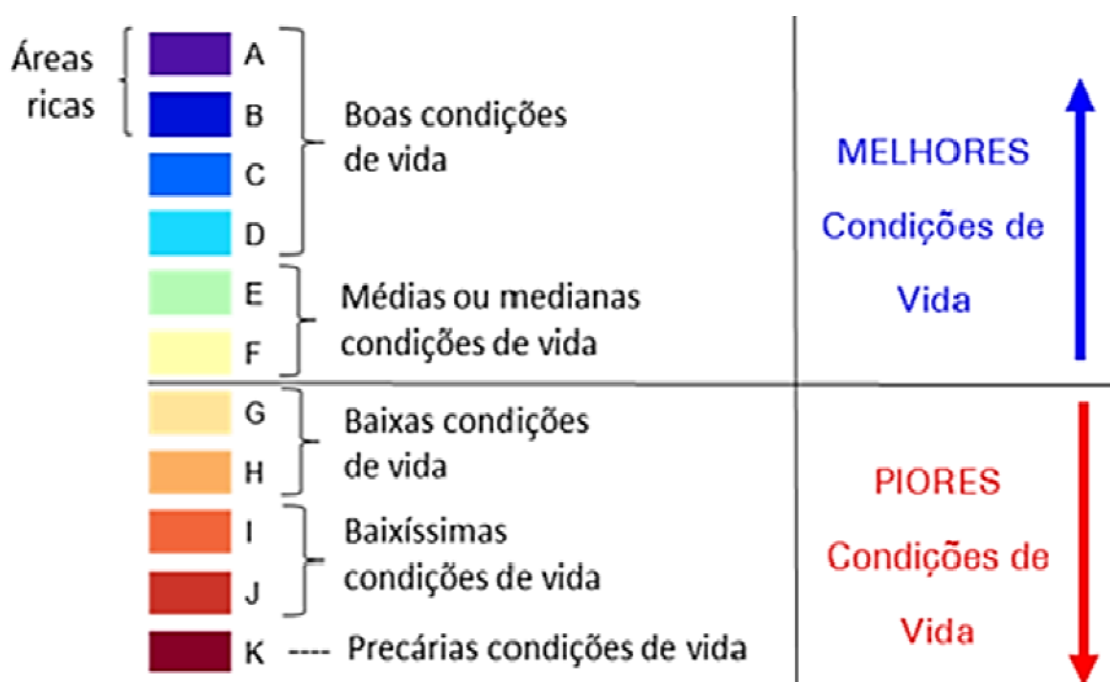
região metropolitana, por conter mais casos, é a região onde se encontrou mais ocorrências de policiais novos sendo assassinados.

A tipologia urbana é a diferenciação sócio espacial nas condições de vida das concentrações urbanas avaliadas, refletindo perfis populacionais diversos quanto às condições de moradia, aos níveis educacionais, acesso a bens.

De acordo como IBGE(2017) a tal tipologia servirá para caracterizar a diversidade socioespacial intraurbana, identificar padrões espaciais e de distribuição desta população urbana segundo eixos de expansão e modelos centro-periferia.

A caracterização dos tipos intraurbanos foi feita a partir das medianas das variáveis que os compõem, coleta de lixo, distribuição de água, rede de esgoto, densidade de moradores por dormitório, alvenaria com revestimento externo, razão de dependência de menores de 15 anos, computador com acesso à internet, máquina de lavar, instrução nível médio e superior completo, rendimento, todos os dados foram retirados do Censo de 2010. O resultado geral se dar por letras, quanto pior for os dados levantados, pior será a letra atribuída ao bairro. (IBGE, 2017).

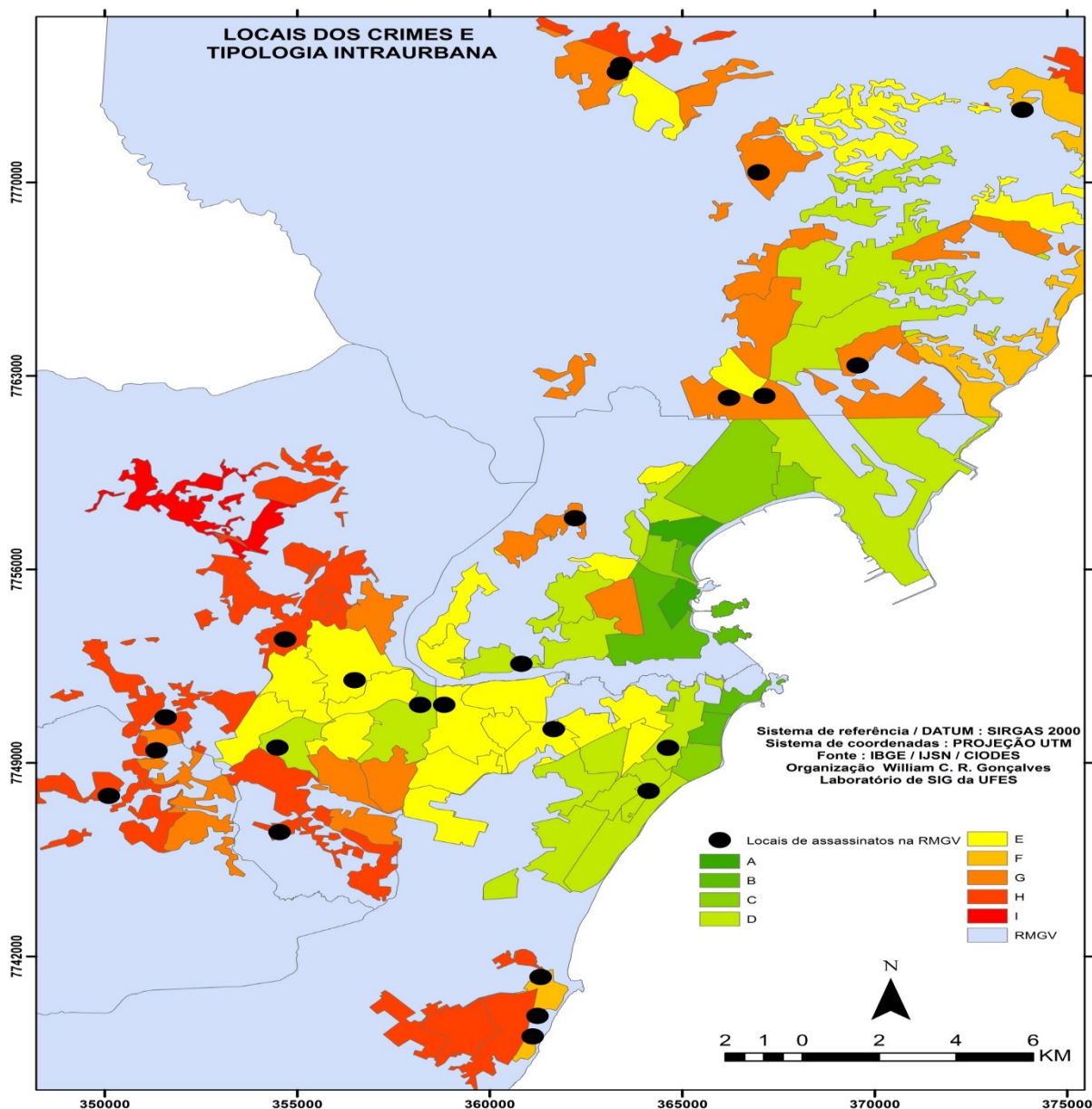
Figura 8. Tipo intraurbano



Fonte: IBGG (2017, p. 4).

Os dados são referentes a 12 municípios capixabas. Isso porque em agosto de 2010, ocasião em que foram coletadas as informações, apenas esses municípios possuíam a legislação municipal de bairros, possibilitando, portanto, que os dados fossem desagregados até esse nível (IJSN - a). Nesse caso, como o foco do trabalho é a RMGV, também não são todos os municípios da Grande Vitória que serão analisados, as cidades que serão analisadas são Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. Serão trabalhado apenas as cidades em que a tipologia foi e se tem dados na escala de bairros.

Figura 9. Assassinatos e condições dos bairros



Se juntasse as classes em categorias mais gerias, das 9 classe, ficaram em três grupos, os em melhores condições são A, B e C, são o maiores na RMGV, o grupos dos intermediários ficaria com C, D e E, que são uma grande dos bairros e o grupo com as piores condições englobaria as letras F, G e H, lugares onde as condições são vida são bem precárias.

Nota-se que 17 casos, ou seja, quase 71%, um número bem expressivo, estão nessas zonas e em situações de vida muito ruim e também que esses lugares são afastados dos centros de suas cidades, ou seja, lugares segregados, como Corrêa disse acima que é fragmentado, não é continua o mesmo tipo de espaço urbano, ele é todo desmembrado, desigual, nesse caso por conta dos processo de urbanização que agiu de forma desigual no espaço, em função do capital. Esse espaço urbano é resultado de atos realizados no passado e que deixam marcas até hoje. Como a Ana Fani Carlos disse mais cedo que a paisagem geográfica do presente mostra os antagonismos e as diferenças inerentes ao processo de produção do espaço num determinado momento histórico, no momento de grande urbanização da região metropolitana.

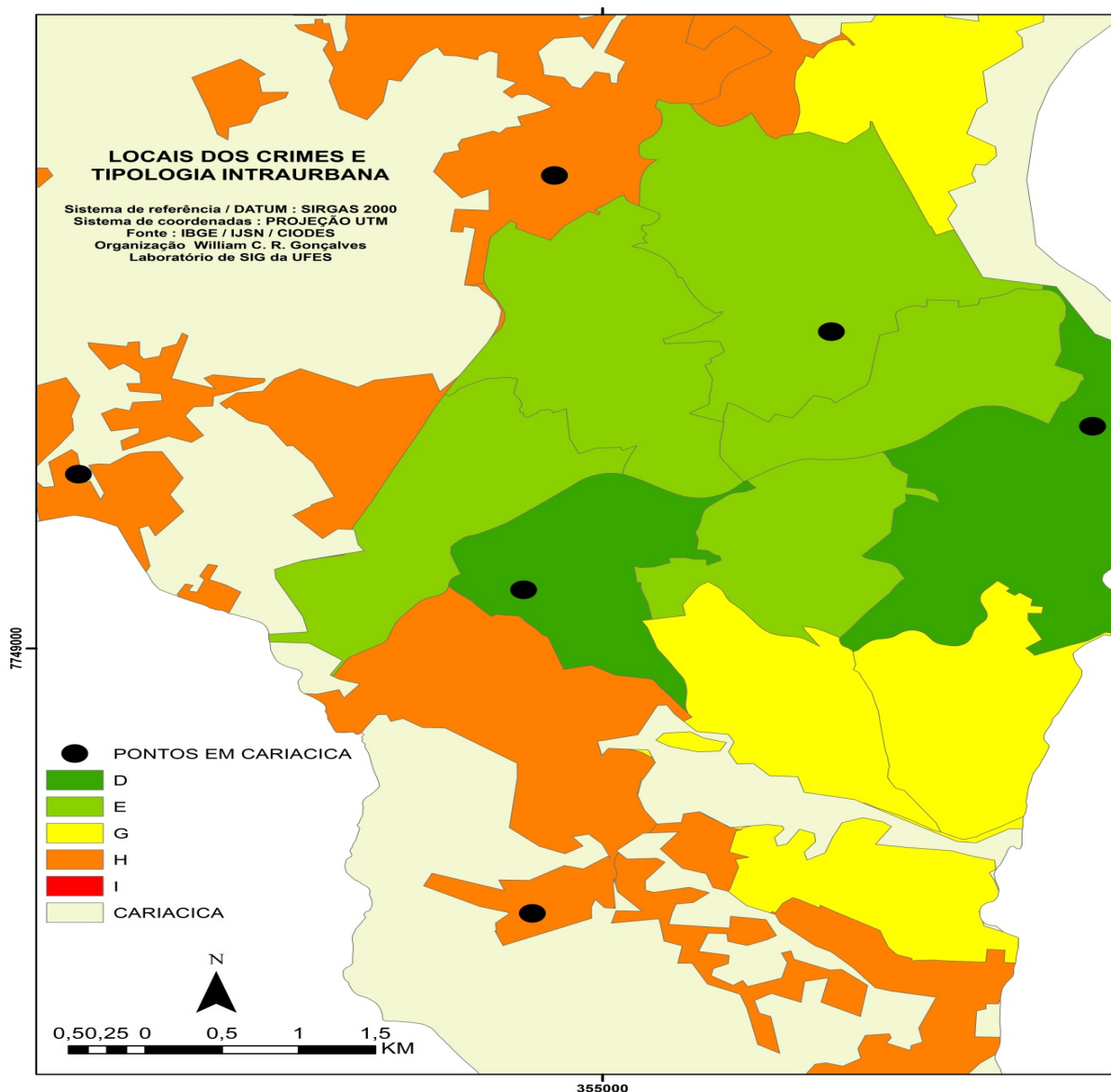
Percebe-se que a capital Vitória apenas dois caso, um no bairro Resistência, o bairro que se tem um grande história de luta de ocupação, por isso que se chama assim, juntamente com Conquista que fica ao lado, os dois bairros de luta popular, que se localiza na periferia da cidade, que tem taxa de mortalidade de 5.1%, maior que a média da cidade de 4.7%, por exemplo Mata da Praia tem uma taxa de 1.6%. Tem uma taxa de alfabetização de 94.1%, menor que a média do município, por exemplo, Bento Ferreira tem uma taxa de 99.3%. (IJSN - B, 2012).

O outro caso em Vitória é no centro histórico da capital, um lugar que era visto como o espaço mais nobre da cidade, principal centro político e financeiro de todo o Estado, hoje é um lugar que a partir da noite, vira-se um deserto, apenas os veículos circulam a noite. Tem índices de rendimento de 2393,05 mensais das pessoas com mais de 10 anos, um número bem significativo pro local que já foi o mais importante do Estado. Local onde o lixo é 100% coletado e que a rede de abastecimento de água é de 99,8%, um lugar que vive a segregação forçada por

uma série de mudança, principalmente econômicas na ilha. ((IJSN - B, 2012)., 2012).

No município de Viana também ocorreram dois assassinatos, nos bairros de Canaa e Marcilio de Noronha. Os dois bairro possuem um índice de mortalidade acima dos 6 e também da média do município é de 5,7, pode ser que seja lugares bem violentos. Destaque para os índices de alfabetização que os maiores da cidade, destaque vai para Marcilio que ocupa a segunda colocação com 96,2%, atrás apenas de Ribeira com 98,2%. Uma contradição com a taxa de mortalidade do bairro se bem alta. (IJSN - B, 2012).

Figura 10. Locais do crime em Cariacica



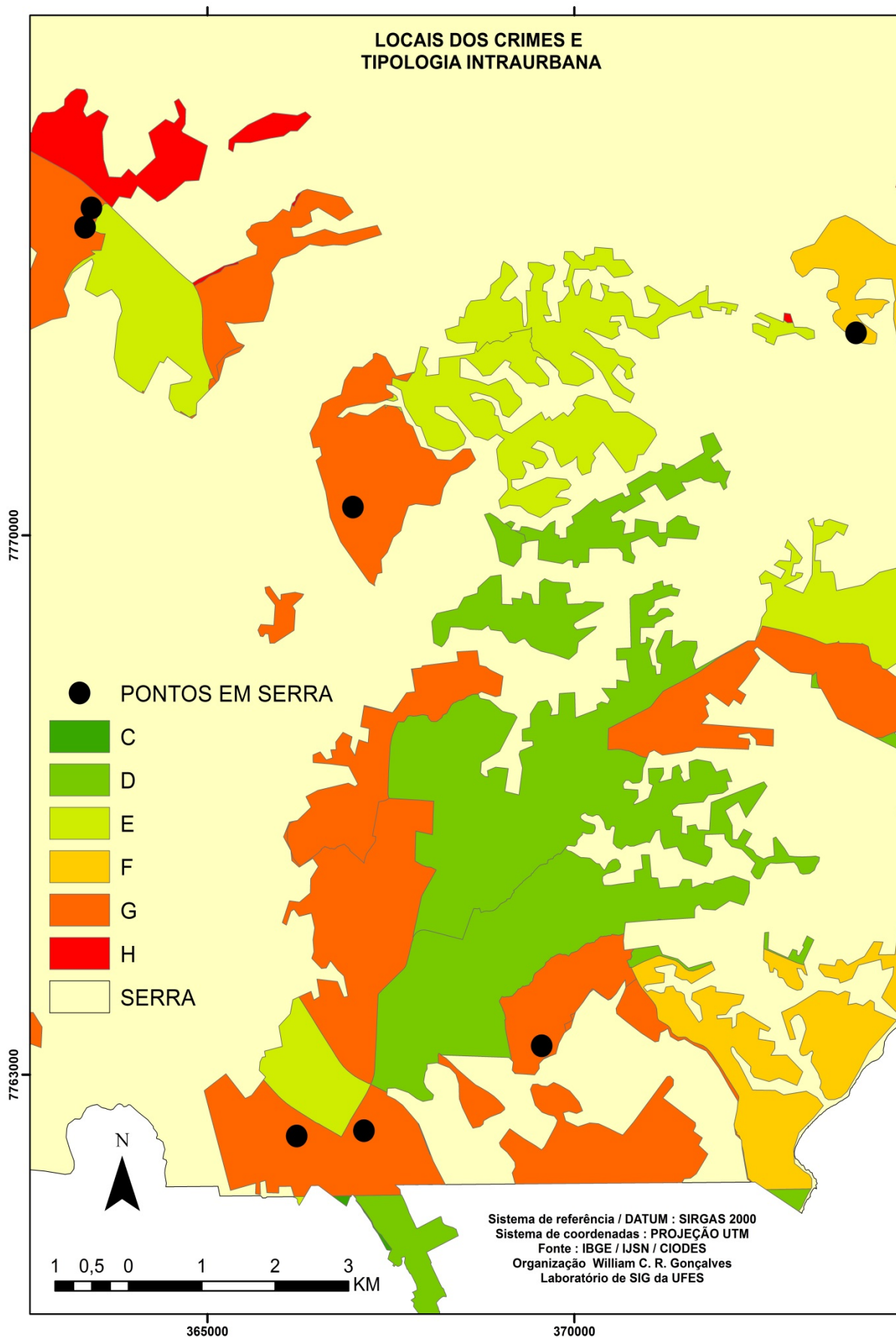


O segundo local com assassinatos de policiais no estado, num total de 6 aproximada 14% dos casos. Um local com metades dos crimes foram em bairros com boas e médias condições de vida, foram Jardim América, Itacibá e Cruzeiro do Sul.

Em Jardim América é um importante local onde se passa uma rodovia federal de extrema importância, o bairro tem a maior estação do ferroviária do Estado, isso fez com que seu rendimento ficasse em segundo lugar de Cariacica com 1497,75 mensais, apenas atrás de Campo Grande com seus 1798,28. ((IJSN - B, 2012)., 2012). O bairro ainda conta com a coleta de 100% de todo lixo. No bairro Cruzeiro do Sul que fica adjacente do bairro de Campo Grande, tem um rendimento mensal alto de 1205,14 em a mais do que a média do município de 963,2. Também tem uma taxa de mortalidade de 5,9, maior que a média da cidade, mas bem menos do que Jardim América de 7,9. Itacibá também tem um rendimento mensal bem grande comparado a média, com seus 1095,06. (IJSN - B, 2012).

As três ocorrências se encontram em lugares cujo tipo intraurbano é H, onde são afastados dos centros econômicos da cidade, provavelmente em lugares com condições de vida inferiores aos outros locais. Novo Horizonte, por exemplo, tem um rendimento mensal de 700,74, menor que a média municipal de 963,2. Padre Gabriel tem um rendimento mensal menor que Novo Horizonte, com 681,46. Santana tem o rendimento melhor do classificados como H, com seus 1087,12 mensais. (IJSN - B, 2012).

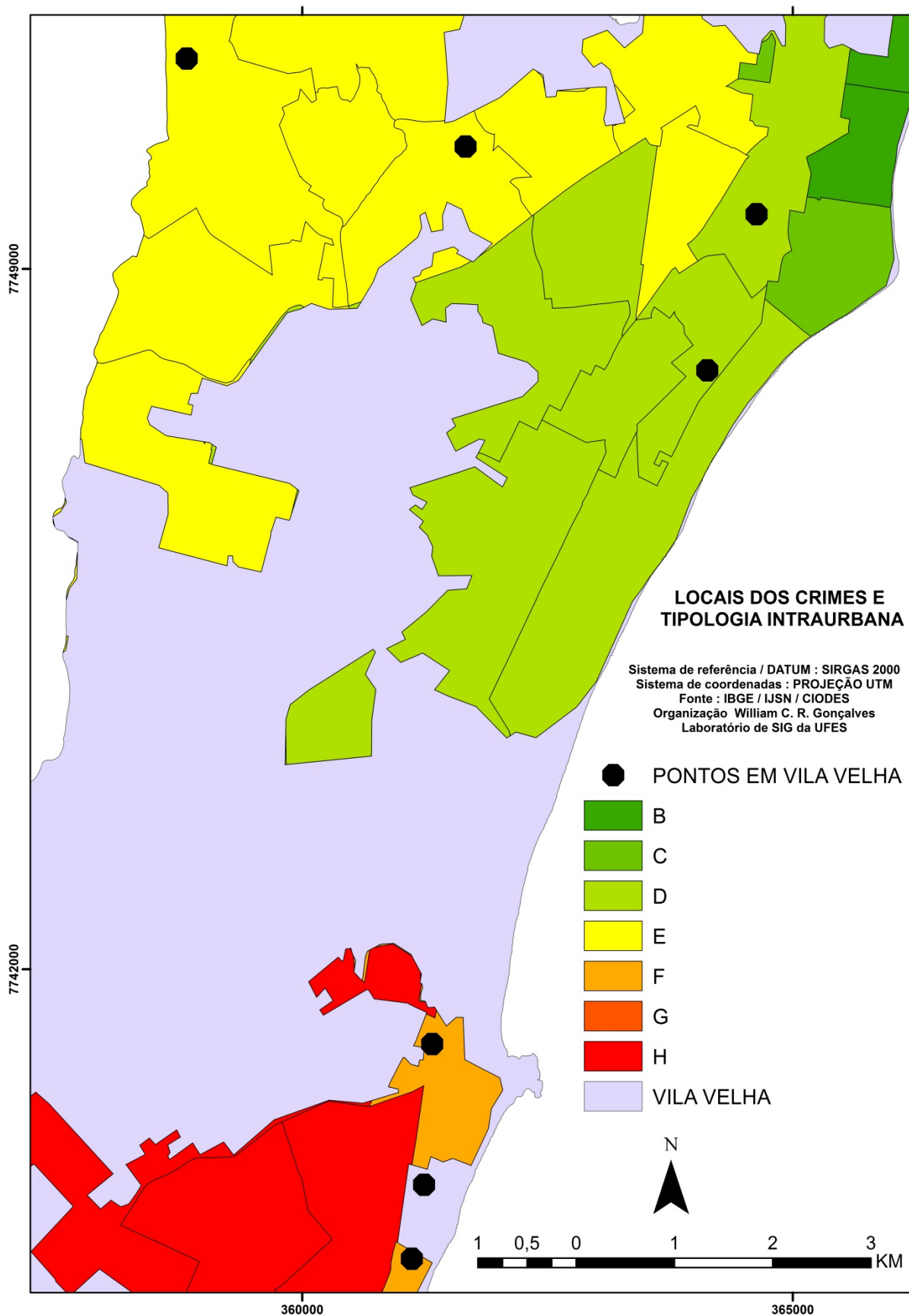
Figura 12. Locais dos crime na Serra



Um fato interessante na Serra é que 99,9 % de todos locais onde os crimes ocorreram são classificados como G, considerados baixa condições de vida. Também é perceptível como essas regiões mais precárias rodeiam as áreas mais valorizadas do municípios, áreas com uma possível melhor qualidade de vida. Pode ser que a população tenha sido lentamente excluída e sendo obrigada a ocupar outras áreas, pois o preço da terra nesse locais ficaram muito caro com o processo de especulação imobiliária. O município tem é o mais populoso no Estado, ultrapassou Vila Velha que por anos ficou em primeiro lugar, do mesmo modo foi o local que mais se teve assassinatos de policiais, num total de 7 caso, por volta de 17%.

Os bairros foram Centro da Serra, Novo Horizonte, Residencial Jacaraípe, Nova Carapina I, Rosário de Fatima, Jardim Carapina e Serra Centro. De todos esses apenas Residencial Jacaraípe tem melhores condições para se viver, mas é o que tem a maior taxa de mortalidade entre esses bairros, com 7% e maior que a média municipal de 4,6%. (IJSN - B, 2012). O bairro Rosário de Fatima tem a melhor taxa de alfabetização, dentre dos bairros citados, com 96,8%, um pouco maior que a média municipal de 94,8%.

Figura 13. Locais dos crimes em Vila Velha



Vila Velha assim como a Serra tem 7 casos de assassinatos a policiais, assim, também corresponde a aproximadamente 17% do número total de casos. Apenas dois municípios são responsáveis por volta de 35% dos 42 casos de assassinatos, sendo que Vila Velha já registrou alguns novos casos no período em que a pesquisa estava sendo realizada. Em outras partes do Estado também foi registrado novos crimes contra policiais.

Percebe-se que juntamente com Vitória, são os únicos com os melhores índices da RMGV, classificado como B, apenas Vitória tem A e Vila Velha tem A e B, ou seja, bairros com boas condições de vida, nesse caso seria a Região da Praia da Costa em Vila Velha.

Os três casos mais ao sul da cidade, dois são no Bairro Praia dos Recifes e um na Barra do Jucu. A Praia dos Recifes é um bairro que está em frente a bairros bem precários como Vinte e Três de Maio, São Conrado e Terra Vermelha, este último que teve um grande pico demográfico nos anos 80 e mesmo estando em condições melhores, sua taxa de mortalidade é superior a todos os três bairros com 7,8% contra 7,2% de Vinte e três de maio, os 4% de São Conrado e Terra Vermelha com 5,3%, mas também todos estão acima da média municipal de 5%. (IJSN - B, 2012). É possível notar também que é um lugar bem afastado do centro do município, onde o valor da terra é bem barato, aqueles que não tem condições de arcar em lugares perto do centro, são encaminhados por força maior a essas áreas.

Na região D onde ocorreram dois casos, são bairros populares bem numerosos como Coqueiral de Itaparica, em que se tem 7 conjuntos habitacionais construídos pela Companhia Habitacional do Espírito Santo - COHAB. O primeiro conjunto erguido pela COHAB foi o Itaparica I, em 1970 e o segundo em 1972. As casas e ruas não estavam prontas até a inauguração. No total foram Sete conjuntos habitacionais, conhecido pelas Sete Etapas.

As etapas tinham um aspecto bem diferente do de hoje, como por exemplo, as cercas de proteção do conjunto e dos blocos dos apartamentos eram feitas de madeiras e hoje não existe separação dos blocos e existe um muro de alvenaria entorno do conjunto e os que foram entregues na época não estavam prontas.

Esses conjuntos habitacionais foram feitos com destinação a classe dos trabalhadores da média e baixa, muitos deles realmente adquiriram esses conjuntos. O valor desses conjuntos eram baixo o bastante pra ser acessíveis a essas classes. Lembrando que nessa época o Estado estava vivendo o ciclo da economia dos grandes projetos, que afetou e construiu toda urbanização não só da Região Metropolitana, mas também de todo o estado.

Os lugares em amarelos também estão longe do centro municipal, locais onde o rendimento são bem menores do que os 1721,51 da média municipal, São Torquato com seus 1121,13 mensais e Ataíde com seus 1105,79.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como existe uma forte relação entre os locais que ocorreram os assassinatos a policiais ao longo do tempo e a segregação sócio espacial. Ficou evidente de que o espaço urbano de um cidade capitalista, que é o exemplos das cidades da RMGV, é totalmente desigual, fragmentado, não é nem um pouco homogêneo, de como o processo de acumulação de riqueza passou bem longe dos locais segregados, uma região metropolitana totalmente rompida pela falta de continuidade do espaço urbano. Foi evidenciado pelos mapear de como as áreas mais periféricas, afastadas dos grandes centros políticos e econômicos das cidades foram os locais em que mais ocorreram as mortes.

Outro fator que ficou provado, são as áreas mais segregadas são as que contém os menores índices sócio econômicos e com as piores tipologia urbana, provando que essas áreas as condições de vida são realmente ruins, precárias. Esse índice só mostra como é a carência em infraestrutura das regiões onde ocorreram os crimes. Foi como a Zorzal disse, esses espaços urbanos segregados são a cidade real, longe da cidade real onde os planos oficiais do governo atuam. Uma das suposições feitas foi que as pessoas mortas nesses locais, são pessoas que convivem nesses lugares, seja através de um trabalho ou de residencial.

A utilização de recursos digitais permitiram realizar o trabalho de forma mais rápida e eficiente. O acesso as informações necessárias para a pesquisa foram adquirido de formas simples, porém com um certo tempo demora, principalmente no levantamento de dados de assassinatos feitos pelo CIODES.

Dada à importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento de formas de agilizar o processo de torna essas áreas segregadas de volta à cidade, não continuando as excluindo, como é hoje.

## 5. REFERÊNCIAS

- CAÇADOR, Sávio Bertochi; GRASSI, Robson Antonio. **A evolução recente da economia do Espírito Santo: um estado desenvolvido ou periférico?** . ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, v. 36, 2009. Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/pdf/6228560.pdf> > . Acesso em: 01 de setembro de 2018.
- CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992. 98p. (Repensando a geografia). ISBN 8572440151 (broch.).
- CORRÊA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994. 96p. (Princípios; 168) ISBN 8508032552 (broch.).
- ESPÍRITO SANTO. **Espírito Santo 2025**: Plano de desenvolvimento. Secretaria de Estado de Economia e Planejamento, Vitória. 2006.
- ESPÍRITO SANTO. **Lei Complementar nº 58**, de 21 de fevereiro de 1995. Diário Oficial do Estado. Publicado no D.O.E de 23/02/95. Disponível em : < <http://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LC%2058.html> >. Acesso em: 01 de outubro de 2018.
- ESPÍRITO SANTO. **Lei Complementar nº 204**, de 21 de junho de 2001. Diário Oficial do Estado. Disponível em: < <http://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LC204.html> >. Acesso em: 01 de outubro de 2018
- FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário brasileiro de Segurança Pública de 2017**. 2018. Disponível em: < <http://www.forumseguranca.org.br/atividades/anuario/> >. Acesso em 01 de maio de 2018.
- FERNANDES, Alan. **Vitimização policial: análise das mortes violentas sofridas por integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo (2013-**



- 2014). EAESP – Escola de Administração de Empresas de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível em: <[https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16335/Vitimizaçã\\_o\\_Policial\\_Análise\\_das\\_Mortes\\_Violentas\\_Sofridas\\_por\\_Integrantes\\_da\\_Polícia\\_Militar\\_do\\_Estado\\_de\\_São\\_Paulo.pdf](https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16335/Vitimizaçã_o_Policial_Análise_das_Mortes_Violentas_Sofridas_por_Integrantes_da_Polícia_Militar_do_Estado_de_São_Paulo.pdf)>. Acesso em 01 de maio de 2018.
- GRECO, Rogério. **Curso de Direito Penal**. 17 ed. Rio de Janeiro. Impetus. 2015. 920p. ISBN: 978-85-7626-819-2.
  - IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tipologia Intraurbana: Espaços de diferenciação socioeconômica nas Concentrações Urbanas do Brasil**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/faa6d92d21c16b5629d58eb2b5f3c278.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/faa6d92d21c16b5629d58eb2b5f3c278.pdf)>. Acesso em 27 de novembro de 2018.
  - IJSN – Instituto Jones dos Santos Neves. **Espírito Santo: instituições, desenvolvimento e inclusão social**. Vitória. 2010. Disponível em: [http://www.ijsn.es.gov.br/images/flippingbook/Crescimento\\_es/PDF/IJSN\\_Determinantes\\_Cresc\\_ES.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/images/flippingbook/Crescimento_es/PDF/IJSN_Determinantes_Cresc_ES.pdf). Acesso em: 1 de outubro de 2018.
  - IJSN - a – Instituto Jones dos Santos Neves. **IJSN divulga indicadores socioeconômicos divididos por bairro**. Disponível em: <<http://www.ijsn.es.gov.br/artigos/1322-ijsn-divulga-indicadores.socioeconomicos-divididos-por-bairro>>. Acesso em: 01 de novembro de 2018.
  - IJSN - b - Instituto Jones dos Santos Neves. **Indicadores Socioeconômicos dos Bairros dos Municípios do Estado do Espírito Santo - Censo Demográfico 2010**. Vitória. 2012. Disponível em: <[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120821\\_1318\\_ijsn\\_nt29tabelase manexo.xls](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120821_1318_ijsn_nt29tabelase manexo.xls)>. Acesso em 01 de novembro de 2018.
  - LIMA, Renato Brasileiro de. **Legislação Criminal Espacial Comentada**. 2 ed. Salvador. Editora JusPodvim. 2014

- LIRA, Pablo Silva. **Geografia do Crime. Análise espacial dos crimes violentos e da tipologia socioespacial da Região Metropolitana da Grande Vitória – RMGV.** Anais do VII CGB – AGB. Vitória. 2014. Disponível em: <  
[http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404087642\\_ARQUIVO\\_EDP\\_Pablo\\_LIRA.pdf](http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404087642_ARQUIVO_EDP_Pablo_LIRA.pdf)>. Acesso em: 01 de maio de 2018.
- LIRA, Pablo Silva. **Violência Urbana: uma análise no município de Vitória-ES.** Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES, v. 1, n. 1. Vitória. 2011. Disponível em:<  
<http://www.publicacoes.ufes.br/SNPGCS/article/view/1591>>. Acesso em 01 de maio de 2018.
- MELO, Silas Nogueira de; MATIAS, Lindon Fonseca. **GEOGRAFIA DO CRIME E DA VIOLÊNCIA NO BRASIL ENTRE 2007 A 2015.** Revista da ANPEGE, [S.l.], v. 12, n. 19, p. 146-165, jun. 2017. ISSN 1679-768X. Disponível em: <  
<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6377/3328>>. Acesso em: 10 novembro de 2018.
- RODRIGUES, Márcia Barros F.; CRUZ, Deivison Souza. **Políticas públicas e gestão urbana: o caso da região metropolitana da Grande Vitória no estado do Espírito Santo.** Dimensões. Universidade Federal do Espírito Santo, vol. 27, 2011, p. 23-39. ISSN: 2179-8869.
- SILVA, Marta Zorzal e. **Trajetória político-institucional recente do Espírito Santo.** IJSN. Vitória. P. 29-66. 2010. Disponível em:  
[http://www.ijsn.es.gov.br/images/flippingbook/Crescimento\\_es/PDF/IJSN\\_Determinantes\\_Cresc\\_ES.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/images/flippingbook/Crescimento_es/PDF/IJSN_Determinantes_Cresc_ES.pdf). Acesso em: 1 de outubro de 2018.
- ZANOTELLI, C. et al. **Atlas da Criminalidade no Espírito Santo.** 1. ed. São Paulo: Annablume. 2011.

- ZANOTELLI, C. et al. **GEOGRAFIA DA CRIMINALIDADE NO BRASIL: O CASO DO ESPIRITO SANTO**. Observatório Geográfico America Latina. 2006. Disponível em:<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/05.pdf>>. Acesso em: 05 de Maio de 2018.